3 1761 06184927 9

ELLINO MESQUITA

PERALTAS E SÉCIAS

COMEDIA

EM TRES ACTOS

SEGUNDA EDIÇÃO

EDITORES
JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.
187 — RUA AUREA — 189
LISBOA

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

THEATRO

IV

PERALTAS E SÉCIAS

Comedia em prosa

MARCELLINO MESQUITA

PERALTAS E SÉCIAS

COMEDIA EM PROSA

LISBOA
J. A. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186 — RUA AUREA — 188
1911

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Lisboa — Off. Typ.: Calçada do Cabra, 7 — 1911

PERALTAS E SÉCIAS

Costumes dos fins do seculo XVIII, em Portugal

Esta peça foi representada pela 1.ª vez no theatro de D. Maria II, em 11 de fevereiro de 1899.

Foram seus interpetres nos papeis de:

MARQUEZA DE SANDE	VIRGINIA.
CARLOTA SANDE	LAÜRA CRUZ.
LUCIA (SÉCIAS)	CORDEIRO.
CLARA (SÉCIAS)	DELFINA.
BERTHA (SÉCIAS)	ANTONIA DE SOUZA.
GUILHERME DE MENEZES	FERNANDO MAIA.
FR. THOMAZ	GAMA.
PADRE THEODORO	POSSER.
MARQUEZ DE SANDE	MELLO.
MIGUEL SANDE	FERREIRA DA SILVA.
INTENDENTE DIOGO	GALVÃO.
CALDAS, POETA ARCADE	NOBRE.
PINTO, MINISTRO	ARAUJO.
BENJAMIM (PERALTAS)	CARLOS SANTOS.
NARCIZO (PERALTAS)	SAMPAIO.
LINDOSO (PERALTAS)	ROSA.
O DESEMBARGADOR SILVERIO	PINTO DE CAMPOS.
BENEDICTO, CREADO PRETO	N. N.
FRANCISCO, UM OUTRO CREADO	N. N.
COCOLIM, COCHEIRO	N. N.

Damas, convidados, musicos pretos, cantores, etc.

NOTA. — Os Peraltas e as Sécias fallam sempre com a maior affectação: risos continuos, gestos alambicados, jogo de beiços, de olhos, de leques.

As entradas, sahidas e cumprimentos são feitos, sempre, de pé atraz, cortezia, etc.

ACTO PRIMEIRO

A SCENA

Seculo XVIII. Um grande salão, fidalgo. Ao fundo, um arco ou tres grandes janellas rasgadas sobre uma varanda, ou terraço, de balaústres; dando para o jardim. Sobre as mezas: rodomas, maquinetas, com esculpturas de santos. Paineis, nas paredes, ao lado de retratos de familia. Um cravo. Jarras da India, etc.

SCENA PRIMEIRA

GUILHERME *(vendo retratos e moveis)*

É curioso este salão.

FRANCISCO *(entra, trazendo na mão um chapeu, luvas e um espadim)*

Meu senhor...

GUILHERME

Põe, ahi, no canapé.

FRANCISCO

O senhor D. Miguel disse-me que precisava fallar a V. Ex.ª...

GUILHERME

Está no seu quarto?

FRANCISCO

Sim, meu senhor.

GUILHERME

Lá vou já.

FRANCISCO

Perdão, meu senhor; disse-me que o fosse chamar...

GUILHERME

Então, vae. *(o creado sahe. Pondo o espadim, vae vendo de novo).* É original. Um presepio; uma Nossa Senhora; um menino Jesus, deitado, outro em pé; um S. Miguel; um S. Francisco; um Senhor morto; um Senhor.. vivo! Isto é a côrte do céu, em madeira! Oh! oh! Uma egreja de Mafra, de cortiça! Cheira-me a presente de El-Rei o senhor D. João V... A minha tia marqueza... tambem...? *(reprehendendo-se)* Oh! O cravo é magnifico! *(vendo uma musica)* Um minuete de Dupré! Isto é engano.

SCENA II

MIGUEL *(entrando)*

Estás a vêr a sacristia ?

GUILHERME

Ah ! Miguel ; boas tardes.

MIGUEL

Sabes musica ?

GUILHERME

Alguma coisa. E, tu ?

MIGUEL

O Fado : o mais são cantatas.

GUILHERME

Querias fallar-me ?

MIGUEL

Queria, sim.

GUILHERME

Sou todo ouvidos.

MIGUEL

Então, ouve lá. *(senta-se)*. Quero prevenir-te d'uma coisa. Isto não é por me fazer abelhudo. É necessario.

GUILHERME

Diz.

MIGUEL

Tu vens lá de Paris, não sabes nada dos costumes cá de casa. Isto está tudo mudado. Pódes fazer ideia pela sala : machinetas, rodômas, paineis...

GUILHERME

Já tinha notado.

MIGUEL

N'isto se passa o tempo. Rezas, novenas, promessas... A sociedade é dos padres. Hontem, quando chegaste, viste alguns; hoje, has-de vêr outros; ámanhã outros e os mesmos; uma chusma! Meu pai, minha mãe, teus tios, os nossos tios todos, toda a familia, todas as familias... é isto! Se achas que é preciso agradar a esta sociedade agrada; se não achas não agrades; mas se te peço para te acautellares é para que não vás dar algum desgosto á Cota, que isso é que eu não queria.

GUILHERME

Explica-te.

MIGUEL

Ella gosta de ti, tanto... talvez mais do que de mim! É tua noiva, está-te promettida...; mas o peior é que entras-te com o pé esquerdo, cá em casa. Vens lá com umas ideias de França que parece que embucham esta gente! Já ouvi rosnar hontem pelos cantos...

GUILHERME

De mim? quem? o que diziam?

MIGUEL

Minha mãe e aquelle padre de oculos verdes...

GUILHERME

O confessor da rainha?

MIGUEL

Esse. Conversavam e ouvi: França... maçons... pedreiros-livres... Eu não sei o que isso é, nem quero; mas cá em casa, menino, teem mais medo d'essa coisa que d'outro terramoto!

GUILHERME

E tu tens medo que me neguem tua irmã?...

MIGUEL

Pódes ter a certeza... Se se persuadem que és pedreiro-livre, ou o que é, pódes tirar d'ahi o sentido.

É mais facil pregarem com ella n'um convento ou matarem-n'a com desgostos do que darem-t'a.

GUILHERME

Mas não me lembra que tivesse dito coisa que pudesse melindrar ninguem.

MIGUEL

Eu não sei mas disseste.. por força.

GUILHERME

Só se foi a proposito do Marquez de Pombal...

MIGUEL

Disses-te bem d'elle ?

GUILHERME

Disse.

MIGUEL

Oh ! desgraçado, não podias dizer nada peior ! Aqui, todas as pessoas graves, desembargadôres, bispos, monsenhôres, não fazem mais nada, dia e noite, senão dizerem mal d'elle.

GUILHERME

Apanham-n'o morto. .

MIGUEL

Pudéra, mettem-lhe a espada.

GUILHERME

É verdade, já se sabe quem me apanhou aquella estocada... esta noite?

MIGUEL

Foi um quadrilheiro... não foi ninguem. O tio Diogo anda fulo. Suspeita que foi um do meu bando; mas, ao certo, não sabe.

GUILHERME

E está mal o homem!

MIGUEL

Parece que abala...; mas, tens entendido, hein?

GUILHERME

Tenho entendido.

MIGUEL

Desculpa-me o sermão... Já vês que é por ella...

GUILHERME

Muito lhe queres, Miguel?!

MIGUEL *(mão no peito)*

D'aqui! Cá em casa sou o cão tinhoso. Pudéra! Não sei latim, não faço versos, não canto o lundum, não vou á missa...! Nada valho para todos, menos para ella. Desde pequeno tem sido... minha mãe!

Contos largos. Emfim, escusamos de conversar mais n'isto. Eu não me sei explicar melhor...

GUILHERME

Nem precisas e obrigado. Mas se queres que te diga não estou resolvido a contrafazer-me. Amamo-nos, de creanças. Depois de dez annos venho encontral-a, bella, como não imaginava, e bôa como...

MIGUEL

Nem tu sabes.

GUILHERME

Parece-me que sei. Viste, esta noite, que não sou homem de mêdos; menos o sou de fingimentos. Queremo-nos, quem se atrever que se oppônha.

MIGUEL

Nem toda a gente combate, frente a frente. Ha linguas peiores do que espadas!

GUILHERME

Cortam-se.

MIGUEL

Bem; seja assim. És o homem que ella merece. Quer? ha-de casar comtigo. Aquelle que ella estimar é que ha-de ser e eu me encarrego d'isso tambem.

GUILHERME

Obrigado.

MIGUEL

É assim. Que meu pae e minha mãe se salvem, na companhia de toda esta santa gente, vá, estão no seu direito. Querem ir para o céu, vão para o céu. A Cóta quer ir para o inferno, hade ir para o inferno!

GUILHERME *(rindo)*

Crédo!

MIGUEL

E, até gosto mais que vá. Como é para onde eu hei-de ir, segundo elles dizem, quero têl-a tambem, lá, ao pé de mim!

SCENA III

BENJAMIM *(á porta com um cestinho de dôces no braço)*

Dão licença?

MIGUEL

Oh, primo Benjamim, entra.

BENJAMIM

Bôas tardes, Miguel, *(a Guilherme)* Meu senhor.

MIGUEL

O primo Guilherme de Menezes, chegado de Paris, hontem.

BENJAMIM

Ah! o noivo da Carlotinha! Que ventura! *(dão as mãos)* Inda é meu primo tambem: sou Albuquerque.

GUILHERME

Muita honra...

BENJAMIM

A Carlotinha é um sol que nasce, um mimo, a inveja das Graças! Como é feliz! Como ella o ama!

GUILHERME

É d'ella a confidencia?

BENJAMIM

Sabem-n'o todos. Esquiva ao amôr, á côrte, ao galanteio...

MIGUEL

É de pedra.

BENJAMIM

Não; seus votos iam longe... e a saudade bastava á sua imaginação de donzella, ao seu coração de vinte annos! Adoravel!

MIGUEL *(indicando o cabaz)*

Que vem a ser isto?

BENJAMIM

Uns bolos das Salezias, que a madre Thereza

manda a tua mãe. Estive na grade. Não imaginas como a prima Francisca está encantadora com o habito! Estava o padre Theodoro, monsenhor Accacioli, o Chico Menezes, a prima Joaquina Cercai e a filha que está um primor! Oh! não imaginas, é um enlevo dos olhos! Levava um toucado em estrella, cercado de um fio de perolas e dois signaes, um na face e outro na orelha. Um feitiço!

GUILHERME

Dois signaes?

BENJAMIM

O *Galante* e o *Tentador*.

MIGUEL

Parece coisa de toiros.

BENJAMIN

Em Paris não se usa?

GUILHERME

Já, não.

BENJAMIM

Coitados!

MIGUEL *(ironico)*

Ha mais, n'outros sitios?

BENJAMIM

Ignorante! Na testa, o *magestoso*; no canto do

olho, o *apaixonado ;* na barba, o *provocante ;* na aza do nariz, o *louquinho !*

MIGUEL

Ó Benjamim, é preciso ser muito es... perto, para saber essas coisas todas !

BENJAMIM

Apenas viver na boa roda ; ser do seu tempo. *(tirando rebuçados do bolso e off.)* É servido ?

GUILHERME

Obrigado, não gosto.

BENJAMIM

Queres ?

MIGUEL

Dá cá. *(tira um e come)*

BENJAMIM

Deu-m'os a prima Francisca, á despedida.

MIGUEL

São feitos por ella ?

BENJAMIM

Prova. A que sabe ? a jasmim ? As mãos d'ella !

MIGUEL

Ahi ha coisa. Tu és terrivel.

GUILHERME

É um Albuquerque, tem obrigação de ser um conquistador.

BENJAMIM

Na India...

GUILHERME

Em toda a parte.

MIGUEL

E quando casas ?

BENJAMIM

Oh ! Nunca ! O que é bello é o amor ! Oh o amor... !

SCENA IV

NARCISO *(á porta, com um bandolim)*

É canção ? É preciso acompanhar ?

BENJAMIM

Oh ! Narciso !

MIGUEL

Narcizo, entra.

NARCIZO

Serei indiscreto ?

MIGUEL

Ora essa: chegaste em boa hora. *(apresentando)* Narcizo Gama... meu primo Guilherme.

NARCIZO

Tenho uma vaga ideia de V. Ex.ª

GUILHERME

Quando parti...

NARCIZO

Eu era infante...

BENJAMIM

«Das fachas infantis despido apenas»...

NARCIZO

Não tanto.

BENJAMIM

O que nos tocas, hoje?

NARCIZO

O que hei-de tocar? O dôce, o languido... lundum.

MIGUEL

Chorado?

BENJAMIM

Eu gosto immenso do lundum! Em Paris não se usa?

GUILHERME

Nunca ouvi.

BENJAMIM

Coitados!

GUILHERME

Mas isso não é cantiga de pretos?

NARCIZO

E brancos.

GUILHERME

Ha dez annos tenho idéa de o ter ouvido .. pelas ruas...

BENJAMIM

Ha dez annos!

NARCIZO

Ha dez annos nem se cantava n'este paiz! Eramos selvagens!

BENJAMIM

Governava o Sebastião José.

GUILHERME

O marquez de Pombal?

BENJAMIM

Esse.

GUILHERME

Mas foi elle quem mandou vir a Conti e a Caffarreli.

NARCIZO

Cantavam. . os italianos.

MIGUEL

E as italianas : a Catalani, a Zamperini...

BENJAMIM

Oh ! a Zamperini ! Que mulher ! Uma vez, dei-lhe um beijo !

MIGUEL

Na Zamperini ?

NARCIZO

Quando ?

BENJAMIM

Não foi, bem, n'ella : foi n'um retrato.

NAR IZO

N'um retrato ?

BENJAMIM

N'uma miniatura d'ella, que o tio Rezende tinha na caixa do rapé.

MIGUEL

Olha se ella o sabe !

BENJAMIM

Soube-o ; porque, no dia do beneficio, quando eu fui ao camarim offerecer-lhe uns versos lindissimos,

com o padre Macedo, que levava outros que não eram máus...

GUILHERME

O padre José Agostinho ?

BENJAMIM

Esse mesmo... O tio Rezende que estava lá, contou-lhe a scena do beijo. Ella, olhou-me, riu-se muito, — que lindos dentes ! perolas ! — e exclamou : povero bambino ! Depois voltando se para o tio Rezende, disse-lhe : Senhor marquez, dê-lhe outra pitada !

GUILHERME

O padre Macedo frequentava os camarins ?

BENJAMIM

Um fauno ! Mas o Patriarcha prohibiu-o de ir á Opera, de fazer versos ás cantoras e de uzar o cabello penteado e polvilhado ! E foi bem feito.

NARCIZO

Porquê ?

BENJAMIM

Agora, um padre a fazer versos a cantoras !

NARCIZO

Melhores que os dos outros.

BENJAMIM

Senhor Narcizo Gama!

GUILHERME

Era uma bella cantora a Catalani. Ouvi-a, em Paris.

BENJAMIM

Um sonho do ouvido! Uma voz de cristal!

MIGUEL

O que beijaste, d'essa?

BENJAMIM

Coisa nenhuma

NARCIZO

Hoje não se ouve cantar peior e gasta-se menos.

GUILHERME

Cá?

NARCIZO

É ir á Sé. Em paiz nenhum, nem em Roma, ha musica de capella como alli. O *Tortinho* é um homem que eu descobri...

BENJAMIM

Qual?

NARCIZO

O Antunes.

BENJAMIM

Foste tu que o descobriste ? Ora, ora...

GUILHERME *(áparte)*

Este rapaz descobre tudo !

MIGUEL

É neto de Vasco da Gama.

NARCIZO *(a Guilherme)*

Ha-de ouvil-os, logo, aqui. Não faltam ao saráu Verá.

BENJAMIM *(a Guilherme, tirando rebuçados do bolso e off.)*

Em Paris, não se usa trazer rebuçados para dar ás senhoras ?

GUILHERME

Não se uza.

BENJAMIM

Coitados ! Mas o que faz então essa gente do grande tom ?

GUILHERME

Comem, bebem...

MIGUEL

E, antes pelo contrario. *(risos)*

BENJAMIM *(áparte)*

Este Miguel é bom rapaz ; mas é tão grosseiro !

SCENA V

(Ao fundo, no terraço, seguido de Benedicto, o preto, que traz uma opa encarnada e grande campainha de práta, apparece o marquez de Sande).

GUILHERME

Teu pae. D'onde vem elle, de creado com opa encarnada e campainha ?

MIGUEL

De acompanhar o viatico. Passa o dia n'isto.

MARQUEZ *(já no salão)*

Benedicto ?

BENEDICTO

Meu senhor.

MARQUEZ

O Jacinto que leve um ramo de rosas para as Trinas e outro para as Claras Que diga ás madres que é a senhora marqueza quem os manda, pedindo para os pôrem, hoje, no altar de Nossa Senhora.

BENEDICTO

Sim, meu senhor. *(poisa a capa e a campainha, vae e volta).*

MARQUEZ

Olá, rapazes, boas tardes.

BENJAMIM

Senhor marquez.

MARQUEZ

Um dia tão bello e aqui mettidos! O que fazem?

BENJAMIM

O nosso dever...

NARCIZO

Esperamos a senhora marqueza para lhe apresentar mos os nossos cumprimentos pelo seu anniversario...

BENJAMIM

O dia de hoje é para nós do maior prazer.

NARCIZO

Quem inventaria o festejal-os?

MARQUEZ

Algum velho patriarcha.

BENJAMIM

Algum namorado.

MIGUEL

Ou algum comilão.

MARQUEZ *(vendo para dentro)*

A senhora marqueza e Carlota. *(Entram).*

SCENA VI

NARCIZO *(correndo-lhe ao encontro)*

Os meus mais intimos parabens.

BENJAMIM *(á marqueza)*

Deponho aos pés de V. Ex.ª os mais sinceros votos pelo dia de hoje. Que a thesoura cruel da Parca se embote sempre ante o fio precioso da preciosa vida de V. Ex.ª

MARQUEZA

Obrigada.

CARLOTA

Ah! Benjamim! em prosa!... n'um dia d estes!

BENJAMIM

Tem razão; mas estive na grade...

MARQUEZA

Em qual?

BENJAMIM

Nas Salezias. Ah! *(vae buscar o cesto)* A tia abadessa pediu-me para lhe entregar esta lembrança.

MARQUEZA *(vendo os dôces)*

É ama santa. Estava o padre Theodoro ?

BENJAMIM

Estava e... divino ! Como elle fallou, sobre os affectos, as luctas do *eu* : do amor da terra e do amor do ceu ! Um S. Thomaz !

MARQUEZA

Calcúlo. É uma lingua de oiro e um santo !

GUILHERME

Quem é este padre Theodoro ?

CARLOTA *(áparte)*

É um abysmo de marmelada, de rapé e de filosofia !

(Ao fundo do jardim ouve-se uma algazarra de pifanos e tambores),

MIGUEL

Fallai no máu. *(o ruido approxima-se)*

GUILHERME

O que é isto ?

CARLOTA

É elle, com a musica do convento.

MARQUEZA

O reverendo Theodoro.

MARQUEZ

Com sua reverendissima Fr. Thomaz de Mello.

GUILHERME

Quem é ?

CARLOTA *(a Guilherme)*

O confessor da rainha... e da senhora marqueza.

SCENA VII

(Na varanda 4 pretos apparecem fardados, como os de S. Jorge. Dois com tambores e dois com pifanos. Fr. Thomaz e Theodoro descem. Vão todos recebel-os).

FR. THOMAZ

Que Deus abençôe este dia senhora marqueza e assim como exalta os bons, confunda os máus, nos segredos da sua eterna justiça.

MIGUEL

Sabes que segredos são aquelles ?

GUILHERME

Não.

MIGUEL

São os da Inquisição. Está a pedir freguezes.

GUILHERME *(áparte)*

Ah ! é o inquisidor ?

MIGUEL

Vice.

PADRE THEODORO *(á marqueza)*

Que o Senhor faça cahir a sua graça sobre a veneranda cabeça de V. Ex.ª, como outr'ora o maná do deserto sobre o povo escolhido.

MARQUEZA

Obrigada, meu padre.

FR. THOMAZ

Já hoje o vi, senhor marquez.

MARQUEZ

Egualmente, excellencia : ia para S. Paulo, acompanhar Nosso Senhor, quando a sege de V. Ex.ª passava. *(sentam-se)*

MARQUEZA

Sua Magestade a Rainha está melhor ?

FR THOMAZ

Um pouco melhor.

THEODORO

Já levou oito sangrias e sete ajudas.

MIGUEL

Só!

MARQUEZA

Deus a avivente. De que soffre a pobre senhora?

THEODORO

Dizem os medicos que de flatos, acompanhados de perturbações dos humôres. Isto lhe corrompe os sentidos e a desvaria.

MARQUEZA

Jesus!

MIGUEL

É telha o que ella tem. Dão com a pobre senhora em doida, aquelle confessor e os outros.

MARQUEZ *(ao fundo)*

Vem a entrar uma náu. *(para dentro)* Benedicto vae-me buscar o oculo.

MIGUEL

Uma náu do Brazil?

CARLOTA

Vamos vêr?

VOZES

Vamos. *(sahem para a varanda todos, excépto Fr. Thomaz e a Marqueza)*

FR. THOMAZ

É um caso de consciencia, minha senhora. V. Ex.ª não póde consentir que sua filha case com um homem de ideias livres, tão livres que approva a perseguição da religião de Christo nas pessoas dos seus ministros.

MARQUEZA

A nossa palavra está empenhada.

FR. THOMAZ

Não ha promessas inviolaveis senão as que se fazem a Deus. O pai era um amigo do Sebastião. O filhe vem peior: vem de França, terra de maçons e de herejes! Entregue lhe Carlota e perder-lhe-ha a alma! Lembre-se, senhora marqueza, das contas que terá de dar a Deus por sua filha.

MARQUEZA

Perante elle, como mãe, eu sou responsavel pelo seu casamento?

FR. THOMAZ

Absolutamente! *(pauza)* Fazei por os affastar um do outro, o mais depressa possivel. A sua convivencia de horas póde lançar no coração da pobre menina o germen d'uma corrupção fatal!

MARQUEZA

Ella ama-o tanto!

PR. THOMAZ

Peior! Dominal-a-ha; lançal-a-ha para sempre no Inferno!

MARQUEZA

Jesus!

FR. THOMAZ

Está nas vossas mãos o remedio: decidi.

MARQUEZA

Algumas phrases soltas pódem não significar irreligião, nem heresia. Esperemos, uns dias, a conhecel-o melhor! A mocidade é irreflectida...

FR. THOMAZ

Como quizer. Eu fiz o meu dever. Deus vos pedirá contas do vosso!

SCENA VIII

(Entram o desembargador Freitas e a filha Lucia. O ministro Pinto e a filha Clara. As sécias trazem flôres.)

DESEMBARGADOR *(beijando-lhe a mão)*

Aos pés de V. Ex.ª, senhora marqueza.

MARQUEZA

Senhor desembargador.

PINTO

Marqueza. *(beijando a mão)* os meus parabens.

MARQUEZA

Obrigada. Disseram-me que estava doente, sr. desembargador. Felizmente a doença não foi de cuidado?

DESEMBARGADOR

O rheumatico, minha senhora: a doença dos velhos. O ataque não foi grande, mas o bastante para me não deixar sahir, dois dias.

MARQUEZA

Ainda assim?

DESEMBARGADOR

Ainda assim. Porque me atacou primeiro um pé depois o outro, e, depois, correu-me os pés todos!

MARQUEZA

Veja lá!

LUCIA *(off. o ramo)*

Eram todas as que tinha no jardim. Desculpa-me a pobreza do presente?

MARQUEZA

Tão bondosa, Lucia. *(beija-a,*

CLARA *(off. o ramo)*

A linguagem das flôres é mais expressiva do que

a linguagem humana. Quizera ser flôr para lhe perfumar o salão, n'este dia.

MARQUEZA

Tu és uma flôr, Clarinha. *(beija-a)*

LUCIA

Onde está Carlota?

MARQUEZA

Estão todos, ahi, para o terraço a verem entrar uma náu.

LUCIA

Vamos ter com ella?

MARQUEZA

Vão, vão.

(As sécias sahem correndo: encontram Theodoro e o marquez que cumprimentam affectadamente).

SCENA IX

O INTENDENTE *(entrando)*

Boas tardes marqueza e parabens. A Joanna não póde vir e pede-me que a desculpe.

MARQUEZA

Doente?

INTENDENTE

Não... adoentada. Meus senhores. *(beijando o annel do bispo)* Excellencia.

FR. THOMAZ

Não ha quem o veja!

INTENDENTE

Trabalhos da vida. Não sou senhor de mim.

FR. THOMAZ

Calculo, bem.

PINTO

Muito que fazer?

INTENDENTE

Como nunca! Os malditos pedreiros livres, nascem como os cogumellos. Agora, então, com as ultimas noticias de França, andam desaforados.

MARQUEZA

Más, as noticias?

INTENDENTE

As peiores que é possivel. O rei está prezo; Maria Antonietta presa; os jacobinos senhores de Paris!

PINTO

E do mundo!

INTENDENTE

Não de Portugal, emquanto eu fôr vivo! Ao menor signal vão pelo caminho do abbade Serra, do Brotero e do Nascimento.

FR. THOMAZ

Se a Universidade de Coimbra é um viveiro d'elles!

DESEMBARGADOR

As reformas do Sebastião José!

PINTO

Que homem nefasto! Tudo em que poz a mão estragou!

FR. THOMAZ

Até a Inquisição! Aquillo não é Inquisição, não é nada. Esse Bocage, esse versejador obsceno e heterico, que merecia a fogueira, já de lá sahiu!

MARQUEZA

Ah! já?

FR. THOMAZ

Mandaram-n'o para o convento de S. Bento. Que castigo!

INTENDENTE

É capaz de corromper a communidade.

THEODORO

Não o permitta Deus.

INTENDENTE

O maior perigo vem de fóra. Entram com passaportes falsos do ministro da America. Hontem desembarcaram alguns que não pude apanhar; mas ha um, sobre todos, que me vem recommendado. *(tira uma noia e lê)*: «Fidalgo, rico e valente. Amigo de Neker e de Mirabeau. Estatura regular, olhos escuros. Tem uma cicatriz de cutilada, no braço direito». Ando-lhe na pista.

MARQUEZA

Um fidalgo?

INTENDENTE

Ha-os cá tambem a protegel-os.

THEODORO

Haverá?

INTENDENTE

O sr. duque de Lafões tem escondido um tal Brussonet na Academia.

MARQUEZA

Estamos completamente perdidos!

FR. THOMAZ

A maçonaria triumpha!

INTENDENTE

Ainda não, pelo menos cá.

SCENA X

(Veem do jardim os que para lá tinham ido. Padre Theodoro e o Marquez conversam; os peraltas, ao fundo, galanteiam com as sécias. Miguel, Guilherme e Carlota descem).

GUILHERME

Quem são aquelles cavalheiros?

MIGUEL

É o ministro Pinto, o careca. O que está da direita, é o desembargador Freitas, da alfandega; um dos grandes homens do paiz! O outro... o que está de pé, é o Intendente!

GUILHERME

O terrivel?

MIGUEL

Mal sabe elle que foste tu... o da estocada.

CARLOTA

Vou-lhe fallar. Tio Diogo...

INTENDENTE

Olá Carlotinha. Então já sei que veio o teu noivo?

CARLOTA

O que não sabe um intendente de policia?

INTENDENTE

Apresenta-m'o. Quero conhecel-o, não tenho idéa d'elle.

CARLOTA

Guilherme, meu tio pede para te ser apresentado.

GUILHERME

Senhor intendente, sou eu quem solicita essa honra.

INTENDENTE *(áparte)*

Bello rapaz. *(alto)* Vem de Paris? Isso é que é mau. Aquillo por lá está mechido, hein? A pedreirada anda á solta? É o triunfo, a victoria da...

GUILHERME

Justiça! e da Filosofia!

INTENDENTE

Lérias! *(Espanto de Guilherme).*

THEODORO

A filosofia é uma bebida allucinadora! A alma humana precisa como o corpo da propriedade e continencia na alimentação. A liberdade é um dom concedido ao homem...

INTENDENTE

A liberdade é cada um cumprir com os seus deveres, obedecer ás leis e bico calado!

MIGUEL

Toma!

FR. THOMAZ

Assistiu á prisão de Luiz XVI e da Rainha? Estava em Paris?

GUILHERME

Estava.

INTENDENTE

Que patifes!

MARQUEZA

El-rei é um santo homem.

GUILHERME

Um amigo do povo! Um democrata! Um bom!

INTENDENTE

El-Rei?

GUILHERME

El-Rei. Trabalha de serralheiro e faz gala n'isso. Aperfeiçoou, até, um instrumento de um tal Guilhotin. Modificou uns parafusos.

DESEMBARGADOR

Um apparelho de que?

GUILHERME

De cortar cabeças.

INTENDENTE

Ahi está porque os reis se perdem. Em vez de fazerem leis... fazem parafuzos! Depois queixam-se.

THEODORO

E a Rainha?

GUILHERME

É a mais bella mulher de França!

MIGUEL

Tambem faz parafuzos?

CARLOTA

Bonita?

GUILHERME

Elegante, distincta uma austriaca de sangue... e está dito tudo.

DESEMBARGADOR *(áparte a Pinto)*

As austriacas de donde são?

PINTO *(áparte)*

Da Austria.

DESEMBARGADOR

Muito obrigado.

INTENDENTE

E as potencias, sr. ministro do reino, quietas, deixarão assassinar o rei?

PINTO

Não o creio.

FR THOMAZ

Trabalha-se para o libertar?

PINTO

Em toda a parte.

INTENDENTE

E nós?

PINTO

Tenho trabalhado, n'essa questão, como o maior empenho. Já escrevi ao ministro inglez... por duas vezes...

THEODORO

Ah!

FR. THOMAZ

Muito bem.

PINTO

Na segunda, terminantemente! Impondo como um dever para o gabinete inglez, seguir a minha politica.

FR. THOMAZ

E qual é?

PINTO

A alliança da Hespanha, Portugal e Inglaterra, contra a França; isto é, contra todas as resoluções da *Assembléa Nacional.*

THEODORO

E a resposta?

PINTO

Ainda não tive!

MIGUEL

Então está tudo arranjado.

PINTO

Para Hespanha escrevi directamente ao principe de Godoy, queixando-me do silencio de gabinete inglez e do de Madrid!

THEODORO

Dizem que é altivo esse Godoy.

GUILHERME

Como todos os favoritos.

FR. THOMAZ

E, respondeu?

PINTO

Tambem não!

MIGUEL *(rindo)*

Que influencia!

(Carlota contém o riso)

PINTO

Resolvi-me e escrevi para a Austria! O governo austriaco tem sido pouco energico nas suas notas. Assim o fiz entender a Vandelen, ha mais de um mez... Até hoje...

GUILHERME

A respeito de resposta?!

MIGUEL *(áparte)*

Trez vezes nove vinte sete, noves fóra...

PINTO

Nada! Hão-de arrepender-se!

GUILHERME

Não me consta que deixassem de responder a uma carta do marquez de Pombal.

FR. THOMAZ

Ah! esse era outra coisa!

THEODORO

Ora, o Sebastião...!

FR. THOMAZ *(ironico)*

Chegou-lhe a fama a Paris?

GUILHERME

Fallaram-me d'elle Neker, o ministro e Mirabeau.

THEODORO

Conheceu Mirabeau, esse Rhodano da eloquencia?

GUILHERME

Intimamente.

INTENDENTE *(áparte)*

Será este?

BENJAMIM

É certo ter-se apaixonado pela rainha?

GUILHERME

É certo. Foi encontrada uma carta a Maria Antonieta, d'elle, que dizia: «vêl-a e amal-a foi obra de um momento»...

DESEMBARGADOR

E ella respondeu?

GUILHERME

Li eu a resposta. Começava assim: «a primeira vez que te vi estavas tu...

MIGUEL

A assar castanhas.

MARQUEZA

Miguel!

FR. THOMAZ

Este senhor está a divertir-se comnosco!

INTENDENTE

Tambem me parece; mas desconfio, que inda esta noite, prégo com elle no Limoeiro!

SCENA XI

(Ao fundo apparece Lindoso, 3.º peralta e a mana Bertha, sécia. O peralta traz no dedo um papagaio. Atraz entra o poeta Caldas. Fato no fio, calção, cabelleira russa, etc.)

VOZES

O Lindoso! O Lindoso!

CARLOTA

Bertha. Bem apparecida.

BENJAMIM

O poeta Caldas.

LINDOSO

Minha senhora, felicito-a pelo seu anniversario natalicio e peço licença para lhe offerecer esta graciosa ave.

BERTHA *(beijando-a)*

Senhora marqueza os meus respeitos. Verá como ha de gostar do animalinho E' encantador!

MARQUEZA

Gostei muito da lembrança.

BERTHA

Não sabe tudo. Elle agora está extranho: em tomando confiança, verá. Sabe o *Padre nosso* todo e a *Ave Maria*. Imita o toque do sino da Conceição Velha...

MARQUEZA

Que graça?

DESEMBARGADOR

Que mimo! *(fazem circulo)*.

BENJAMIM

Vamos ver se elle diz?

VOZES

Vamos a vêr.

BERTHA

Diz, loiro: Padre nosso...

CLARA

Não diz nada.

LINDOSO

Está estranho.

BERTHA

Não o espantem. esperem. Diz, loiro : Padre Nosso...

(O papagaio diz : Padre Nosso que estaes nos ceus. Todos riem).

DESEMBARGADOR

Que joia !

MARQUEZ

De quem era ?

MIGUEL *(áparte)*

D'algum sachistão.

MARQUEZA

Que mimo d'ave !

MARQUEZ

Benedicto, pôe-m'o, na varanda, entre a porta da Capella e a do meu quarto.

BENEDICTO

Sim, meu senhor.

THEODORO

E tambem imita o toque dos sinos ?

BERTHA

Na perfeição.

(O creado leva-o).

VOZES

Ora, ora...

CALDAS *(curvo ante a Marqueza)*

Excelsa senhora, se me permittis endereçar-vos uma lôa, n'este dia festivo, de joelhos vos agradecerei a mercê!

(Tira o papel).

MIGUEL

Outra especie de papagaio.

GUILHERME

Quem é aquelle poeta?

MIGUEL

É o Caldas.

CARLOTA

Da «Nova Arcadia».

GUILHERME

Da nova? pelo fato parece da velha!

CALDAS *(recita, lendo)*

Se em mago canto, contrastar pudéra
Do Vasto Homero a Illiada pasmosa,
Se de Virgilio a Eneida magestosa
Emparelhára, ou exceder pudéra.

Se do divino Dante a acceza esphera
Me endeusára em Comedia faustuosa,
Se a erudição de Milton, assombrosa,
Meu estro incendiára, enobrecera;

A vós, ó Sande egregia, iuminoso
Poema consagra; e dignamente
Vossos annos cantara, armonioso:

Mas, sem arte, sem voz, direi, sómente:
Fazei annos, sem fim! que respeitoso,
Sem fim, vos beijarei a mão clemente!

(Beija-a).

LUCIA

É primoso, o soneto!

CLARA

Encantador e alto!

BERTHA

Que lindos versos!

LUCIA

Que sentimento!

CLARA

Ha-de dar-me uma copia, sim?

BERTHA

E outra a mim.

LUCIA

Aquella imagem do Dante é delicadissima.

CLARA

Gosto mais do final: «Fazei annos sem fim». É um mimo de galanteria.

MIGUEL

Que versos! Nem para o fado prestam!

THEODORO

Pode chamar-se-lhe, sem exaggero, o Pindaro portuguez.

CALDAS

Senhor capellão, por quem é.

Na varanda passam 2 ou 3 homens com enormes caixotes ás costas. Um d'elles vae a entrar.

SCENA XII

BENEDICTO

Eh! lá. Para diante. Ao fundo.

GUILHERME

O que é aquillo?

MIGUEL

São os dôces para o jantar.

GUILHERME

Para um jantar!

MIGUEL

Não ficarão muitos; não te affijas.

CARLOTA

Só o capellão...

(Fazem roda aparte).

(Grupo da Marqueza).

MARQUEZA

Esta noite?

INTENDENTE

Esta noite.

FR THOMAZ

Algum duello?

INTENDENTE

Não. Perto do Convento de Sant'Anna estava um grupo de embuçados. É prohibido.

FR. THOMAZ

A fazer o quê?

INTENDENTE

Não se sabe; mas não estavam por bons.

MIGUEL *(aparte)*

Guilherme, sentido!

INTENDENTE

A ronda mandou-os dispersar. Resistiram. Houve lucta e um dos quadrilheiros cahiu, ferido, gravemente!

MARQUEZ

De quem era o bando?

INTENDENTE

Não o sei, por ora. Espero sabel-o hoje. Tenho de reforçar as guardas e apressar a illuminação da cidade. Isto está cada vez peior. Paris é bem illuminado senhor!

GUILHERME

Muito mal.

INTENDENTE

Ha tambem muitas richas nocturnas?

GUILHERME

Muitas. Todas as noites.

BENJAMIM

E duellos?

GUILHERME

Continuamente.

INTENDENTE

Tem-se batido muita vez?

GUILHERME

Algumas.

INTENDENTE

E, nunca foi ferido!

GUILHERME

Já.

CARLOTA

Gravemente?

GUILHERME

Não. O maior toque que apanhei foi, aqui, no braço direito. Uma estocada traiçoeira.

INTENDENTE *(áparte)*

É elle! Cahiu!

THEODORO

E, foi de noite?

GUILHERME *(hesitante)*

... Foi á sahida... do theatro.

BENJAMIM

O que se representava?

GUILHERME

O Tartufo.

FR. THOMAZ

O theatro francez é um fóco de immoralidade.

GUILHERME

O de Molière ?

INTENDENTE

Todo o theatro onde entram as mulheres. É vêr onde chegámos no ultimo reinado com Cafarellis e Zamperinis. Isto está remediado, felizmente.

GUILHERME

Como ?

INTENDENTE

Sua Magestade a Rainha prohibiu que as mulheres entrem no palco.

BENJAMIM

E quem faz agora as pastorinhas ?

LUCIA

E as dançarinas ?

INTENDENTE

Homens.

BENJAMIM

Homens ? que appetite !

INTENDENTE

Foi com essa condição que dei licença para se abrir o theatro da Rua dos Condes.

FR. THOMAZ

Fez um grande serviço a Deus.

INTENDENTE

Então ? Mulheres quasi núas, a levantarem os pés acima da cabeça !

THEODORO

Uma immoralidade !

FR. THOMAZ

Um escandalo !

BENJAMIM

Foi-se a arte de Therpsicore.

INTENDENTE

Deixal-a ir.

NARCIZO

Sr. Intendente, matou a dança.

INTENDENTE

A dança livre.

MIGUEL *(áparte)*

Está-lhe na alçada : danças livres, pedreiros livres, tudo o que fôr livre... bumba ! Este homem é capaz um dia de nos deixar sem agua.

CARLOTA

Porquê ?

MIGUEL

É capaz de mandar prender os Arcos das Aguas Livres !

(Risos).

CREADO *(ao fundo)*

Está o jantar na meza.

MARQUEZA

Vamos, meus senhores.

INTENDENTE

Marqueza dê-me o seu braço.

MARQUEZA

Obrigada, *(acceitando)*.

INTENDENTE

Tenho a prevenil-a d'uma coisa.

MARQUEZA

De quê ?

INTENDENTE

Desconfie de seu sobrinho. Sustenha o cazamento de Carlota.

MARQUEZA

Porquê ?

INTENDENTE

É um jacobino !... dos perigosos. Um propagandista !

MARQUEZA

Bem m'o dizia Fr. Thomaz.

INTENDENTE

Deixe-o commigo. Não me escapa.

(Vão sahindo).

BENJAMIM

Os anjos tambem comem ?

LUCIA

Eu sou anjo ?

BENJAMIM

Um archanjo.

LUCIA

Póde ficar certo ; vai vêr.
(Dão o braço).

THEODORO

Meu poeta, desçamos um pouco á terra !

CALDAS

Á meza quer V. Ex.ª dizer ?

THEODORO

A meza, sim : que a meza tem tambem a sua poesia ? !

CALDAS

Pois não, reverendo : mais do que Camões, Luziadas e tudo !

O marquez vai no coice dos que sahem. Ouve-se fóra, longinquo, o toque de um sino. O marquez pára. Benedicto apparece, firme, de capa e campainha. O toque termina.

MARQUEZ

E nos Paulistas, Benedicto ?

BENEDICTO

Sim, meu senhor.

(Approxima-se dando a capa).

MARQUEZ *(vestindo a capa)*

Bem : diz que podem começar a jantar, *tomando a campainhá.)* Venho já.

(Sahem cada um por seu lado).

ACTO SEGUNDO

SCENA PRIMEIRA

GUILHERME *(entrando : a Miguel)*

O que eu te digo é que esse Fr. Thomaz e o tal Intendente se me vão tornando insupportaveis.

MIGUEL

O que eu te digo é que isto vai de mal a peior e que se não emendas a mão, a bomba estala, não tarda nada.

GUILHERME

Esta gente imaginará que o mundo é tolo ! Contam as coisas mais disparatadas e querem que a gente se cale e se não ria ?

MIGUEL

Deixa-os.

GUILHERME

É superior ás minhas forças; não posso.

MIGUEL

Eu achava melhor não fazeres caso.

GUILHERME

Era melhor; d'accordo; mas ferve-me o sangue. E. agora, preciso dar-lhes uma lição; foram grosseiros, tenho de os collocar no seu logar. Tens receio?

MIGUEL

De quê?

GUILHERME

Digo ... pela Carlota.

MIGUEL

Vocês não podem estar em peores lençoes.

SCENA II

CARLOTA *(ao fundo)*

Então sahiram da meza, sem darem graças?!

MIGUEL

Bumba; lá foi mas esta para o cadastro!

GUILHERME

E esta é grave!

CARLOTA

Lá estão, todos, a commentar o facto.

MIGUEL

Calcúlo o que lá vae.

GUILHERME

Como remediar ?

MIGUEL

Reza, amanhã, duas vezes.

CARLOTA

Poupa-os mais, Guilherme.

GUILHERME

Minha querida Carlota . . . são coisas infantis. Uma mulher que comia meninos... são contos da carochinha ! Pode lá aturar-se ?

CARLOTA

Com que elles deram mais o cavaco foi quando te riste com a historia de Santo Antonio.

GUILHERME

É verdade. Santo Antonio promovido a major ! Não se acredita.

CARLOTA

Já não vai cedo.

MIGUEL

Não ?

CARLOTA

Se se lhe sentaram praça no tempo de D. Pedro II ?

MIGUEL

Que tempo ha ?

CARLOTA

Cem annos.

MIGUEL

Vai devagar. Devia ser, pelo menos, general... reformado !

GUILHERME

O que, sobretudo, me fez rir foi a cara de Fr. Thomaz ; a seriedade com que elle repetia o attestado do tal commandante Magalhães Homem : *(imitando)* «outro sim certifico que em todos os papeis e registos acima mencionados não existe alguma nota relativa a Santo Antonio, de máu comportamento ou irregularidade praticada por elle...» *(riem muito)*.

MIGUEL

Coitadinho é de páu !

GUILHERME

Pode conter-se o riso ? Eu não posso.

MIGUEL

Fazes tu muito bem. Eu tambem rio ; mas de mim

não fazem caso. Isto é lebre corrida que não faz carreira direita. Sabes de que eu tenho pena ?

GUILHERME

De que é ?

MIGUEL

É de não poder responder-lhes.

CARLOTA

É melhor assim.

MIGUEL

Mas olha, Guilherme, diz-me, tu, ahi uma coisa que eu possa dizer para os arreliar... com que elles embirrem.

GUILHERME

Olha, falla-lhes na Enciclopedia, em d'Alembert... é um livro de filosofia.

MIGUEL

Bem, bem, deixa-os. A tal Enciclopedia é onde vem essas coisas de liberdades ?

GUILHERME

Isso. *(rindo).*

MIGUEL

Não é preciso mais nada. Vou fumar. Tu não fumas ?

GUILHERME

Não.

MIGUEL

É o unico defeito que te conheço. Já venho. *(sahe).*

GUILHERME

Que bello rapaz.

CARLOTA

Não é ? É todo alma !

GUILHERME

Que pena não ser illustrado !

CARLOTA

Não sei. Assim é tão feliz. Uma tarde de toiros, uma noite de guitarra e o Miguel está contente. Esta frequencia de sala é por tua causa ; nunca aqui entrava.

GUILHERME

A sociedade não convida ; elle tem razão.

CARLOTA

Bem pouco.

GUILHERME

Esse Fr. Thomaz é rude. O desembagador . . .

CARLOTA

Parvo.

GUILHERME

O teu tio Intendente . . .

CARLOTA

É um bom homem, dedicado, caridoso; mas lá com os taes maçons e pedreiros livres perde a cabeça!

GUILHERME

Mas é inconveniente e hei-de dar-lhe uma licção.

CARLOTA

Guilherme, vê, lá...

GUILHERME

Confias em mim?

CARLOTA

Absolutamente.

GUILHERME

Então descança. O meu unico receio é poder desagradar-te.

CARLOTA

A mim não, mas a meus paes...

GUILHERME

Nada temas.

CARLOTA *(ironica)*

És invulneravel?

GUILHERME

Como Achilles.

CARLOTA

Qual é o teu calcanhar ?

GUILHERME

O teu amôr.

(Beija-lhe a mão).

CARLOTA

Parisiense !

GUILHERME

Portuguez !

MIGUEL *(ao fundo)*

Ó Guilherme... Deixem isso para depois... Não queres ver os meus cavallos de combate ?

GUILHERME *(a Carlota)*

Tinha-lhe promettido. Vamos ?

CARLOTA

Vamos.

(Sahem pelo fundo).

SCENA III

BENJAMIM *(entrando, com Lucia)*

Ante-hontem, na Graça não estava ; hontem, em S. Roque, não a vi ; hoje, nos Martyres, não appareceu ! Onde se tem metido, para faltar assim aos deveres do codigo do bom tom ?

LUCIA

Não tenho podido sahir. Tenho tido o «primôr» muito doente.

BENJAMIM

Pobre cãosinho, e com quê?

LUCIA

Com muita tosse. Uma tosse muito sêcca... muito sêcca. Imaginei que fosse dos bôlos, porqué é muito guloso de dôces...

BENJAMIM

E não foi?

LUCIA

Não. Disse-me a creada que, um d'estes dias, no passeio, lhe cahiu a capa.

BENJAMIM

Foi constipação! E o que lhe tem feito?

LUCIA

O senhor prior da Encarnação, que o viu, disse-me que lhe désse...

BENJAMIM

Agua benta?

LUCIA

Não brinque.

(os quatro approximam-se).

BENJAMIM

Então?

LUCIA

Rebuçados de althéa e leite crespo, ao deitar.

BENJAMIM

Faz bem aos homens, deve fazer bem aos cães.

LUCIA

Pobre creaturinha; se visse como ella olhava para mim quando tossia.

BENJAMIM

A tossir?

LUCIA

Sim; mas com as lagrimas nos olhos.

NARÇIZO

Isso era da tosse.

LUCIA

Parecia que se afogava... ás vezes.

LINDOSO

Isso era da coleira.

LUCIA

E rosnava, depois.

BENJAMIM

Ah! rosnava?

CLARA

De que seria?

NARCIZO

Talves. .

BENJAMIM

Era de ser cão!

NARCIZO

Eu gosto mais de gatos.

CLARA

Tambeu eu.

NARCIZO

Tambem?

LINDOSO

Eu não.

BERTHA

Eu tambem.

CLARA

Eu gosto mais; são mais delicados do que os cães.

BENJAMIM

De que os cães mal creados!

CLARA

Não; do que todos.

BENJAMIM

Se o cão é symbolo da fidelidade e da meiguice!

LUCIA

Como deviam ser todos os homens.

NARCIZO

Cães?

LUCIA

Não: meigos, fieis.

BENJAMIM

Isso sômos.

NARCIZO e LINDOSO

Somos, todos.

CLARA a BERTHA

Mas gosta mais dos gatos? É como eu.

CLARA

A fidelidade do cão é egoista. O gato é independente.

LINDOSO

Muito ingrato. Arranha o dono.

CLARA

Nunca me arranham os meus.

BENJAMIM

Tem muitos?

CLARA

Dois: um branco, todo branco! e outro negro, negro! O «lirio» e o...

BENJAMIM

Pai Paulino!
(Risos).

CLARA

Não, o «escravo»!

LUCIA *(a Clara)*

E, é meigo?

CLARA

Um amôr! Passa os dias no meu colo!

BENJAMIM

Como eu quereria ser o seu «escravo»!

CLARA

Para quê? Talvez o não acariciasse...

BENJAMIM

Ah! não nas mesmas condições.

CLARA

E, roncava, tambem? E, dava marradinhas?

BENJAMIM

Roncar é facil; o dar marradinhas dependia de V. Ex.ª... gostar.

NARCIZO

Pequenas?

BENJAMIM

Grandes não é para gatos.

LINDOSO

É para toiros.

BERTHA

Vamos tel-os, agora, em Salvaterra.

NARCIZO

Reaes?

LUCIA

Sim; vai a Rainha, a côrte.

BENJAMIM

Já não reina o sr. Marquez de Pombal.

CLARA

Quem são os cavalleiros?

NARCIZO

O Aveiro, o Vimioso e o Miguel.

BENJAMIM

O Miguel monta muito bem.

NARCIZO

Não como o primo José... Marialva.

LUCIA

Não sei.

CLARA e BERTHA

Isso não.

LINDOSO

Mas é; muito elegante; muito valente.

BERTHA

Isso é; e com o rojão é admiravel!

CLARA

Ha outra coisa que elle maneja melhor.

NARCIZO

A espada?

CLARA

A guitarra. É um artista.

BENJAMIM

Gosta muito da guitarra?

CLARA

Muito.

NARCIZO

Porque não toca?

CLARA

Não tenho ouvido.

NARCIZO

Vejam lá: as orelhas são encantadoras!...

BENJAMIM

Como conchas de jaspe!

CLARA

Hontem em Santa Clara tocou-se um minuete, no côro. Era de Dupré e eu imaginei que era de Jomelli!

BENJAMIM

Oh! confundir Dupré com Jomelli!

CLARA

Este anno, não temos theatro italiano?

NARCIZO

Agora, com a prohibição da rainha?

BENJAMIM

Ficamos reduzidos ao nosso theatro: Salitre e Bairro Alto!

LUCIA

Ninguem lá vai.

NARCIZO

A plebe.

LINDOSO

E que comedias! que farças!

(Começam a entrar todos os ausentes).

SCENA IV

LUCIA

Não tolero a farça: para mim theatro sem musica...

BENJAMIM

A proposito de musica... Narcizo .. o lundum.

CLARA

E' verdade. O tal... o novo.

LINDOSO e BERTHA

O lundum! O lundum!

(Fazem grupo, afinando Narcizo o bandolim).

BENJAMIM *(a Lucia)*

Não me dá então uma flôr? Não a mereço?

LUCIA

Não dou.

BENJAMIM

Um cravo, ao menos!

LUCIA

Nenhuma.

BENJAMIM

Um cravo: um só!

LUCIA *(dando)*

Tome-o lá; que por um cravo não quero que lhe cáia a ferradura!

BENJAMIM

Má!... e encantadora!

(Põe o cravo ao peito).

BENJAMIM

Sr.ª Marqueza, o Narcizo vai tocar o lundum.

MARQUEZA

Bella ideia. Vamos ouvir.

FR. THOMAZ *(ao Intendente, ao vér entrar pelo fundo Guilherme, Miguel e Carlota)*

Lá vem a Trindade.

INTENDENTE

Aquelle mysterio heide eu decifrar.

VOZES

Silencio, Silencio.

VOZES

Oiçam.

(Narcizo: toca e canta affectadamente, o «lundum» acompanhado, ao cravo, por Bertha).

VOZES

Bravo! Bravo!

LUCIA

É delicioso!

CLARA

Um mimo!

BERTHA

Arrebatador!

LUCIA

Divino!

(Cumprimentos, etc.)

BENJAMIM

O que se canta agora nas salas, em Paris, Sr. D. Guilherme?

GUILHERME

Em Paris, agora, nas salas não se canta... tremese! só se canta nas ruas.

BENJAMIM

O quê?

GUILHERME

Um hymno.

THEODORO

Sagrado?

GUILHERME

Sagrado; porque é o hymno da patria!

FR. THOMAZ *(áparte)*

Blasfêmo!

BENJAMIM

E, canta-se, nas ruas ?

GUILHERME

A todas as horas, dia e noite.

BENJAMIM

De quem é o hymno ? Quem o espalhou ?

GUILHERME

Levaram-n'o uns rapazes de Marselha, seguidos de mil e quinhentos homens, Ligurianos, Corsos, Piemontezes, cantando-o, n'uma marcha triumphal, pelo meio dia da França !

INTENDENTE

E quem eram ?

GUILHERME

Meridionaes, tostados pelo sol, cheios de fogo ; marinheiros, soldados encarnecidos nas batalhas, vagabundos envelhecidos no crime ! Fanatizados pela liberdade, o sangue ardente, bravos, heroicos, avançavam aos sons dos vivas das populações onde entravam por sob arcos de flôres e de cujos banquetes se erguiam, cada vez mais altivos, inebriados de applausos e de vinhos ! Todo o povo corria ao seu encontro ! Os velhos, as mulheres, as creanças, desciam os montes, corriam ás estradas a vel-os passar !

Os rostos queimados, as fisionomias marciaes, os olhos fogosos, os barretes vermelhos cobertos de verdura, as armas extravagantes, os canhões que arrastavam pelo chão, os canticos que atiravam pelos ares, feriam as imaginações, perturbavam os espiritos e deixavam um rastro de esperanças, de agitações, de terror! Era um deslumbramento!

(O interesse cresce).

CARLOTA

E depois?

GUILHERME

Esta serpente de mil e quinhentas cabeças chegou, emfim, a Paris. Espalhou-se o canto, e, a 14 de julho, no Campo de Marte, depois do juramento civico do Rei sobre o altar da patria, cantaram-n'o, n'um côro fabuloso, duzentas mil bôccas! E, então, n'essa hora, praças, ruas, monumentos, templos, palacios, grandes, pequenos, almas, consciencias, tudo tremeu, como se um terramoto saccudisse a terra e, sobre as cabeças, as nuvens do céu chorassem sangue!

FR. THOMAZ

O hymno da canalha!

GUILHERME

O hymno dos que soffrem: é preciso não calumniar a miseria.

CARLOTA

E de quem é?

BENJAMIM

Quem o fez?

INTENDENTE

Algum bandido.

CALDAS

Algum poeta.

GUILHERME

Genial! É uma triste e commovente historia a do auctor.

CARLOTA

Conta, Guilherme.

VOZES

Conte. Conte.

GUILHERME

É muito longa.

CARLOTA

Não faz mal.

VOZES

Diga, diga.

GUILHERME

Estava, ha mezes, um joven, fidalgo, official de engenharia, de serviço em Strasburgo. Chamava-se Rouget de Lisle. Amado pelo duplo talento de poeta e de musico, frequentava a casa do barão de Dietrich, nobre alsaciano, o intendente de Strasburgo. A mulher do barão e algumas jovens amigas partilhavam

o enthusiasmo pela revolução, estimavam o joven official, a quem inspiravam, naturalmente os versos e a quem executavam as musicas.

Foi, no começo d'este inverno. A fome reinava em Strasburgo. A casa do barão de Dietrich, das mais opulentas, antes da revolução, empobrecera, tambem. A' sua mesa, agora pobre, sentava-se, como sempre, Rouget de Lisle, pela manhã e á noite, como um filho, ou como um irmão. Um dia em que não houvera, na mesa, para jantar, mais do que um pão de munição e umas fatias de presunto, Dietrich olhou tristemente para de Lisle e disse-lhe: falta a abundancia na nossa mesa? que importa se não falta o enthusiasmo nos nossos corações, nem coragem nos corações dos nossos soldados! Tenho uma só garrafa de vinho do Rheno na minha adega. Vamos a bebel-a, á liberdade e á patria! As senhoras approvaram a ideia e trouxeram a ultima garrafa. Está proxima a festa civica da nossa cidade de Strasburgo, disse Dietrich, enchendo os dois copos. De Lisle, é preciso escrever um hymno para esse dia, um hymno que vá á alma do povo, o allumie e levante! Bebeu-se o vinho todo. De Lisle despediu-se, pensativo. A noite estava fria. Transido, chegou ao seu quarto solitario e sentou-se ao cravo. Pouco a pouco foi-se animando, aquecendo, e começou a compôr agora a lettra logo a musica, a musica primeiro a let-

tra depois, cantando, sem escrever, n'uma inspiração, crescente, sublime! De cançaço, porém, a cabeça cahiu-lhe sobre o teclado e adormeceu! Ao romper do dia, acordou Então, os cantos da noite surgiram-lhe nitidos na memoria; escreveu-os, notou os, febrilmente e correu a casa de Dietrich. Achou-o, no quintal, sachando umas alfaces de inverno. Dietrich foi acordar a mulher que dormia: correu a buscar os amigos. Pegaram nos instrumentos e começaram a executar a composição. A' primeira estrofe, os rostos empalideceram! A' segunda turvaram-se os olhos! A' terceira rebentou o delirio e em lagrimas, atiraram-se aos braços um dos outros, soluçando! Estava achado o hymno da patria!

CARLOTA

Que adoravel musico!

MIGUEL

Isso é que é ser poeta! *(comovido)*.

GUILHERME

Choras, Miguel?

MIGUEL

É que tu davas um prégador.

BENJAMIM

Era o hymno que cantavam os Marselhezes?

GUILHERME

Esse mesmo. D'ahi lhe chamaram a «Marselheza». Não quero dizer que se possa comparar com o lundum, mas tem na verdade algum valor.

CARLOTA

Como eu gostava de o ouvir!

LUCIA

Sabe-o tocar?

CLARA

E, cantar, sabe?

GUILHERME

Sei; mas não posso.

LUCIA

Porquê?

GUILHERME

Porque para o poder cantar, é preciso ser do povo e eu sou fidalgo!

FR. THOMAZ

Salvou-se bem, o velhaco!

INTENDENTE

Não; enterrou-se de todo!

FR. THOMAZ

Foi essa sucia que exhaltou Pariz? Que fez prender o rei e a rainha?

GUILHERME

Concorreram, chegando.

MARQUEZA

Que tempos de horrores!

THEODORO

E quem chamou lá essa essa gente?

GUILHERME

Uma mulher; Madame Rolland.

THEODORO

Que menina, hein?

INTENDENTE

Que bicha! Ahi tinha uma mulher que lhe devia convir. Com as suas ideias, calhava-lhe... energica, viril...

GUILHERME

Eu não disse ainda a ninguem as minhas ideias. Contei factos. Peço licença a V. Ex.ª para lhe dispensar os conselhos. Se eu desejasse, para me unir, alguem energico e viril, teria pedido a mão do sr. de Mirabeau, por exemplo Prefiro-lhe a de Carlota.

MARQUEZA *(áparte)*

D'essa estás tu livre. Vai casar com uma girondina se quezires.

FR. THOMAZ

Que irão fazer aos reaes prezos?

GUILHERME

Julgal-os, provavelmente.

FR. THOMAZ

E, serão capazes de os condemnar?

GUILHERME

É natural.

PINTO

Eu vou escrever para a Austria...

MIGUEL *(áparte)*

Ah! então, estão salvos! *(a Guilherme)* Está tudo embuchado!

DESEMBARGADOR *(a Narcizo)*

Quem era o sr. de Mirabeau?

NARCIZO *(atrapalhado)*

Era... um... era um cabelleireiro...

DESEMBARGADOR

De fama?

NARCIZO

De Pariz.

DESEMBARGADOR

Muito obrigado.

BENJAMIM

Que bella ideia!

CLARA

Qual é!

BENJAMIM

Um passeio de bote.

LUCIA

Bello.

CLARA

Magnifico.

BERTHA

A tarde está linda.

BENJAMIM

Sr.ª Marqueza, dava-nos licença para ir-mos vogar sobre o argenteo lago?

MARQUEZA

Um passeio no rio? Vão; mas...

BENJAMIM

A mim, nymphas do Tejo! *(correm as sécias).*

MARQUEZA

Mas, não, sós...

NARCIZO

Vamos tantos.

MARQUEZA

Sem uma pessoa de juizo não consinto ; não é prudente.

LUCIA

Quem ha de ser ?

BENJAMIM

Tu vens, Miguel ?

MIGUEL

Para pessoa de juizo, não sirvo. Tu vais Carlota ? e tu Guilherme ? *(fazem signaes negativos)*. Não me apetece.

CLARA

Pode ir o sr. Caldas.

BERTHA

Faz-nos esse favor. Quer governar-nos sobre as ceruleas vagas ?

CLARA

Não tem medo do mar ?

CALDAS

Já fui guarda-marinha.

LUCIA

Já ? Então vai ao leme, sim ?

CALDAS

Eu vou onde V. Ex.ª quizer, minha senhora.

MIGUEL *(áparte)*

Vão bem. O poeta está um pouco alegre

CARLOTA *(áparte)*

Já me pareceu.

MARQUEZA

Vão com cuidado.

CALDAS

Eu verei, Sr.ª Marqueza, eu verei.

BENJAMIM

Que linda barca. Por carga as nymphas, por piloto um vate !

LUCIA

Vamos, a poesia para logo.

TODOS

Vamos, vamos. *(sahem).*

MIGUEL *(comico)*

Vamos ao bota-fóra. *(sahe com Guilherme e Carlota).*

INTENDENTE

Depois do que lhe ouvimos veja se o quer mais claro. Nem pintado.

FR. THOMAZ

De que é jacobino ? Não tem duvida nenhuma.

Hontem, á ceia, quando se fallou n'aquella mulher que comeu vinte meninos, de seis mezes...

DESEMBARGADOR

Qual mulher?

FR. THOMAZ

A do largo da Graça.

DESEMBARGADOR

Comeu?...

FR. THOMAZ

Vinte. Está provado... Contou tambem um caso de Pariz.

DESEMBARGADOR

Qual foi?

FR. THOMAZ

Que tinha sido preso um menino de seis mezes, que comia as amas!

DESEMBARGADOR

Isso é que é impossivel!

INTENDENTE *(áparte)*

Ha meninos para isso... mais velhos!

DESEMBARGADOR

E o que fizeram ao menino? O castigo?

FR. THOMAZ

Disse elle que lhe quebraram os dentes.

DESEMBARGADOR

Coitadinho ; mas nascem outra vez ?

FR. THOMAZ

Ora adeus ; V. Ex.ª não vê que isto é troça ?

DESEMBARGADOR

Tambem me queria parecer.

FR. THOMAZ

São coisas sérias. O demonio inventa todos os expedientes para seus fins malignos. Mettel-os a ridiculo é um crime.

INTENDENTE

Deixemo-nos de historias. Que é jacobino não ha duvida. Parece-me acertado desfazer já esse casamento com Carlota, não vá isso dar-nos serios desgostos

MARQUEZA

Sem duvida.

DESEMBARGADOR

Vai sahir ?

INTENDENTE

Vou.

DESEMBARGADOR

Acompanho-o ; vou á alfandega.

INTENDENTE

A proposito. Que questão foi aquella que lá houve com V. Ex.ª ?

DESEMBARGADOR

Ah ! foi por causa de uma caixa que vinha de Genova e a que eu recuzei a entrada.

THEODORO

Porquê ?

DESEMBARGADOR

Porque ha peste em Marselha.

THEODORO

O que tem ? É tão distante.

DESEMBARGADOR

Ora essa : no mappa não distam uma mão travessa. Medi eu.

THEODORO

Fez bem, fez bem : na duvida... *(vão a sahir).*

MARQUEZ

Volta não ? Olhe que é preciso.

INTENDENTE

Para o Wist ? *(sahem os dois).*

MARQUEZA

Sr. Marquez, tenha a bondade de sentar-se. É pre-

ciso tomar uma resolução definitiva a respeito de Carlota. Não é verdade, sr. D. Thomaz?

FR. THOMAZ

Absolutamente. O mais depressa possivel.

MARQUEZ

Sobre?

MARQUEZA

O seu casamento, impossivel, com Guilherme.

MARQUEZ

E porquê?

MARQUEZA

Porquê? pesgunta V. Ex.ª? não ouviu seu sobrinho? Não conheceu as suas ideias? Não vê que ri, que despreza as nossas creanças?

MARQUEZ

Nunca dei por isso... mas será assim.

FR. THOMAZ

Não pode duvidar-se, sr. Marquez. Todas essas ideias novas lhe merecem o applauso. É um apostolo e perigoso. Não é assim, sr. capellão? Diga-o, em consciencia.

THEODORO

Tal me parece, se bem que o possa desculpar a edade e a creação É no emtanto preciso defender

contra os máus apostolos os rebanhos do Senhor. O lobo deve expulsar-se do redil: a sua fome é a fome de Satanaz.

FR. THOMAZ

Diz bem. Deixal-os entrar no redil é proteger o crime e a heresia. Ai, dos que tendo nas mãos o poder de os affugentar os deixam penetrar, impunemente, no aprisco. O Senhor os fará responder como tão criminosos como elle; cumplices da mesma falta e do mesmo pecado.

MARQUEZ

É, então, um caso de consciencia?

FR. THOMAZ

O mais grave! Proteger a heresia é rebellar-se contra Deus e os sagrados dictames da sua doutrina.

THEODORO

Quem não é por elle, é contra elle.

MARQUEZ

Se assim é, faça-se como fôr de justiça.

MARQUEZA

Vou chamar Carlota. Não posso tolerar por mais tempo uma intimidade que me parece, já, sacrilega.

FR. THOMAZ

E, é.

MARQUEZA

Sr. Marquez tenha a bondade chamar Carlota.
(Marquez chama o Benedicto).

MARQUEZ

Benedicto ?

BENEDICTO

Meu senhor. Não está a tocar.

MARQUEZ

Bem sei. Diz ao Francisco que chame a sr.ª D. Carlota, que está no jardim, naturalmente.

FR. THOMAZ *(áparte)*

E seja inexoravel, Marqueza. V. Ex.ª será a mais culpada; é mãi.

MARQUEZA

Eu farei o que me compete fazer. Primeiro que tudo, o meu dever de mãi christã: depois, o coração.

MARQUEZ *(passeia monologando)*

Não sei para que são taes rigores. No meu tempo havia mais religião do que hoje e não era assim. Pobre rapariga! A' espera do noivo... annos... Chega, é um bello rapaz, mas lá porque diz que os girondinos cantam bem... não pode casar! Não percebo... não percebo, nem quero.

THEODORO

Deixemos á sr.ª Marqueza toda a liberdade. São coisas de familia, em familia devem tractar-se. Vamos até ao jardim.

FR. THOMAZ

Vamos. Deus lhe pagará o sacrificio que o seu coração fizer, sr.ª Marqueza.

(Sahem os dois).

SCENA V

CARLOTA *(entra)*

Que deseja sr.ª Marqueza?

MARQUEZA

Prevenil-a d'uma resolução grave, minha filha

CARLOTA

Grave!

MARQUEZA

Muito. Sabe com que mimos e cuidados a temos creado. A sua felicidade é-nos muito cara. Devemos zelal-a no seu casamento; não é assim?

CARLOTA

Sim, minha senhora.

MARQUEZA

Reconhecemos, os dois, que lhe não convém o noivo promettido! De crenças e ideias differentes, como é, a minha consciencia manda ao meu coração, o recuzar-lh'o! Não póde ser seu marido. Por mim, não o auctorisarei, nunca!

CARLOTA

Parece-me que está enganada, minha senhora e mãe. Guilherme é catholico como nós, crente...

MARQUEZA

É muito nova para conhecer essas coisas. Não o vê assim Fr. Thomaz...

MARQUEZ *(áparte)*

Pudéra, com uns oculos d'aquelles!...

MARQUEZA

E, o reverendo Theodoro, pessoas do maior juizo e cujo conselho é dever seguir-se. E' para seu beneficio, verá. A maternidade tem deveres a cumprir, que, á primeira vista, parecem crueldades e mais tarde se vê que são beneficios. E' este um caso d'esses. Não é d'esta opinião, sr. Marquez?

MARQUEZ

Senhora Marqueza... sim... *(áparte)* Não sou para estas coisas. *(alto)* Mas é preciso reflectir. Os ra-

pazes tem os seus exageros... Não vejo motivo para um rompimento. Não me parece que o Guilherme seja um Luttero... *(áparte)* Não me poder safar... não ter um pretexto.

MARQUEZA

Um revolucionario! Um homem que zomba da realeza?

MARQUEZ

Quem?

MARQUEZA

Não o ouviu dizer que o rei de França fazia parafuzos?

MARQUEZ

Oh! minha senhora, um rei póde fazer parafuzos e ser uma excellente pessoa. El-Rei D. José trabalhava ao torno, o pai da nossa rainha.

MARQUEZA

Quer deixar ir sua filha para essa Pariz?

MARQUEZ

Eu não sei, sr.ª Marqueza... talvez elle queira ficar.

MARQUEZA

Que fique ou que vá que importa? A ligação é criminosa; como mãe, como catholica, não a auctorisarei, nunca!

MARQUEZ *(aparte)*

Pobre rapariga! Não achar um meio de me livrar d'esta trovoada? *(ouve-se longe, o toque d'um sino).* Ah! estou salvo! Benedicto?

BENEDICTO

Meu senhor.

MARQUEZ

É na Conceição Velha?

BENEDICTO

Não, meu senhor, é o papagaio.

MARQUEZ

O maldito! agora é que se lembrou de dar ao badalo!

MARQUEZA

Espero a sua resposta, clara, sr. Marquez.

MARQUEZ

Minha senhora, faça-se o que fôr justo. Deixo ao seu juizo o proceder. Lavo d'ahi as minhas mãos: casamento e mortalha no céu se talha.

MARQUEZA

O seu casamento está desmanchado.

CARLOTA

Como V. Ex.ª quizer.

MARQUEZA

É preciso acabar com essa intimidade em que andam, inutil e d'ora ávante, inconveniente.

CARLOTA

É meu primo!

MARQUEZA

Foi seu noivo.

CARLOTA

Tenho a pedir-lhes um favor, n'esse caso.

MARQUEZA

Qual é?

CARLOTA

O de entrar para um recolhimento.

MARQUEZ *(áparte)*

Não consinto. Era o que faltava.

MARQUEZA

Se assim o quer... A clausura socéga.

CARLOTA

Não será justo que seja eu que diga a Guilherme...

MARQUEZA

Vou mandal-o chamar.

CARLOTA

Se me dá licença, dir-lhe-hei, que deseja falar-lhe.

MARQUEZA

Como quizer

CARLOTA

Com licença *(sahe)*.

MARQUEZA

O sr. parece que tem medo do falar? E' pai e tem receio de impôr a sua vontade, para o bem de sua filha?

MARQUEZ

Se a vontade de V. Ex.ª vale por quatro! E tem a certeza de que é para o bem de Carlota?

MARQUEZA

Porque não! E é o sr. catholico!

MARQUEZ

Como quero e entendo sêl-o. Não quero obrigar ninguem a ser como eu sou. Imagine V. Ex.ª que eu tinha a pretensão de fazer toda a gente catholica, o que eu tinha de andar por esse mundo a prégar aos herejes!

MARQUEZA

Mas com os seus parentes... podendo evitar que se transviem...

MARQUEZ

Minha senhora, temos tido parentes de todas as religiões! e até de nenhuma! Isso é com elles. Nun-

ca fui familiar do Santo Officio para extranhos, não o serei para os meus!

MARQUEZA

Pois é pena que o não seja!

MARQUEZ

Era um empregado inutil. E, depois, minha senhora, é preciso concordar que a nobreza tem seus fóros de independencia e que deixal-os esmagar pela opinião de qualquer, é humilhal-a!

MARQUEZA

Como?

MARQUEZ

Se ámanhã esse rapaz, que é um homem, sahir de nossa casa e se queixar de que a opinião do confessor lhe metteu a noiva n'um convento e lhe roubou, talvez, a felicidade, duvido muito que lhe não perguntem: para que lhe serve a espada?

MARQUEZA

Contra um clerigo?

MARQUEZ

Contra tudo. Porque os muros d'um convento saltam-se, as portas arrombam-se, e quem será responsavel pelo desacato?

MARQUEZA

Estará o sr. fascinado, como seus filhos? Não me faltava mais nada vêl-o, n'essa edade e... jacobino!

MARQUEZ

Tem-se visto coisas bem mais extraordinarias; principes cazarem com pastôras...

(Entra Guilherme).

SCENA VI

GUILHERME

Sr.ª Marqueza, adivinho para que V. Ex.ª me mandou chamar. Peço-lhe para que socegue o seu amor de mãi e a sua consciencia. Desligo a V. Ex.ª e ao sr. Marquez da palavra dada, quanto ao meu casamento com Carlota. Sem a vontade dos dois não casarei. O mundo dá muitas voltas e é possivel que venham a reconhecer que não é justo um tal rigor comigo e sobretudo com Carlota.

MARQUEZ

Eu por mim Guilherme...

MARQUEZA

Sr. Marquez, peço-lhe que oiça...

GUILHERME

Disse tudo. Fiquemos amigos. Como vim posso partir; logo que desempenhe uma segunda missão de que venho encarregado. Deus me livre de vir lançar, aqui, em casa, um desgosto tamanho. Quanto a uma certa liberdade de que uso, veio-me da educação e do convivio d'uma sociedade differente da nossa. Não a imponho, por que respeito as opiniões sinceras de todos. Se ha n'isto um mal, recommendo-me ao seu bom coração e á sua fidalguia. *(ao Marquez)* Meu caro tio. Creio que tambem me não ficará querendo mal

(Beija galantemente a mão da marqueza, que fica perplexa).

MARQUEZ *(commovido)*

Oh! Guilherme; eu por mim...

MARQUEZA

Sr. Marquez... o Guilherme acaba de portar-se como um gentilhomem... e a nossa estima, elle sabe que pode contar com ella.

GUILHERME

Minha senhora e tia: estimo bem ter-lhe agradado n'uma coisa: não seria, decerto, a ultima, se continuassemos a conviver.

(Cumprimenta galantemente e sahe).

SCENA VII

MARQUEZ *(áparte)*

A marqueza ficou um pouco embuxada. Palpita-me que estamos fazendo umas ricas figuras d'urso. Cada vez gosto mais d'elle.

MARQUEZA

Não acha extraordinario que sua filha acceitasse tão facilmente a ruptura do casamento e que seu sobrinho a recebesse igualmente com um sangue frio, assim ?

MARQUEZ

Não acho.

MARQUEZA

Não ?

MARQUEZ

É que elles naturalmente sabendo a força de vontade de V. Ex.ª e o rigor das suas opiniões, acharam melhor... não protestar... conformaram-se...

MARQUEZA

Tão submissos... emfim !

(Entram Fr. Thomaz e Padre Theodoro).

SCENA VIII

MARQUEZA

Tudo resolvido.

FR. THOMAZ

E á vontade de V. Ex.ª ?

MARQUEZA

Completamente.

FR. THOMAZ

É uma graça que Deus concedeu á sua piedade, sr.ª Marqueza.

MARQUEZA

Talvez.

THEODORO

Decerto ; não querendo magoar-lhe o coração extremoso.

(Entra o Intendente).

SCENA IX

INTENDENTE

Sei mais d'outra proeza do nosso homem.

FR. THOMAZ

Ah ! sim ?

MARQUEZA

Já se não realisa o casamento.

INTENDENTE

Ainda bem ; porque tenho que o prender.

FR. THOMAZ

Qual foi a proeza ?

THEODORO

Qual foi ?

INTENDENTE

Foi elle que deu a estocada, esta noite, no quadrilheiro que está á morte.

MARQUEZA

Espadachim !

THEODORO

Arruaceiro !

FR. THOMAZ

Assassino!

(Ouvem-se gargalhadas no terraço).

MARQUEZ

O que é isto?

MARQUEZA

Voltam, já, do passeio?

MARQUEZ

É que não foram.

FR. THOMAZ

Foram, que nós vimo l'os embarcar.

MARQUEZA

Tão depressa?

(Entra Benjamim, rindo muito: atraz, o poeta Caldas, a escorrer agua, no meio das secias, de cabelleira a pingar na mão, etc.)

SCENA X

BENJAMIM

O poeta Caldas cahiu ao rio.

MARQUEZA *(susto)*

Morreu?

LUCIA

Andam sempre com a cabeça no ar, os poetas.

CLARA *(ri)*

Este foi o contrario. Foi de cabeça abaixo.

MIGUEL

Parece um cão d'agua *(enxugam-n'o com os lenços)*.

MARQUEZA

Mas como foi isto ?

BENJAMIM

O poeta estava contemplando as Tagides ; n'isto o vento leva-lhe o chapeu, para o apanhar inclina-se e cahe-lhe a cabelleira, para agarrar a cabelleira desiquilibra-se e ahi vai elle... como um sapo... *(espirra)*.

CALDAS *(tremendo de frio)*

Peço desculpa a V. Ex ª, Sr.ª Marqueza, mas tenho de me retirar... o estado de humidade em que me acho...

MARQUEZA

Não consinto que vá assim... mora longe... pode fazer-lhe mal.

MARQUEZ

Não, não : Miguel faz que conduzam o sr. Caldas a um quarto e lhe deem um leito.

MIGUEL

Francisco ? *(o creado vem)*. Mettam este senhor n'uma cama e deem-lhe uns grogues.

FRANCISCO *(áparte)*

Está no pateo o Cocolim, á procura de V. Ex.ª, com a guitarra nova.

MIGUEL *(áparte)*

Está ? Diz-lhe que espere, que eu já lá vou.

MARQUEZA

Sr. Capellão.

THEODORO

Minha senhora.

MARQUEZA

Será bom confessal-o ?

MIGUEL *(áparte)*

Pobre homem !... Inda mais essa.

THEODORO

Não tem doença...

MARQUEZ

Um banho, depois de jantar, é perigoso.

THEODORO

Ah ! isso é. Póde sobrevir uma ascenção dos humores...

FR. THOMAZ

É melhor. Confesse-o. Isto de poetas sempre teem matadura.

CARLOTA

Seja benefico na penitencia.

GUILHERME

Prohiba o de fazer versos, um anno.

MIGUEL

Ou, pelo menos, de os dizer.

THEODORO *(rindo)*

Está bem, está bem.

(Sahe o Capellão).

(Ouve-se tocar um sino longe e a seguir a sineta da capella).

MIGUEL *(a Carlota e Guilherme)*

Lá a capella é que não aguento. Até logo *(sáe).*

MARQUEZ

São Roque.

(O creado apparece. O marquez veste-se e sahe).

MARQUEZA

O têrço.

(Levanta-se para sahir).

VOZES

O têrço.

MARQUEZA

Far-nos-ha hoje uma pequena pratica, Fr. Thomaz?

FR. THOMAZ

V. Ex.ª manda.

(Vão sahindo).

LUCIA

Gosta de ouvir orar o confessor?

BENJAMIM

Prefiro o capellão. Fr. Thomaz é sêcco.

LUCIA

Mas é vernaculo. E a vernaculidade...

(Sahem).

CLARA

Vai fazer-me uma promessa deante do altar?

NARCIZO *(áparte)*

Ó diacho! *(alto)* Se eu puder fazel-a! É conforme o Santo...

CLARA

Porquê?

NARCIZO

É porque ha santos com que eu embirro... e a esses não faço nada... nem promessas.

CLARA

A capella é de S. Roque.

NARCIZO

O do cãosinho ? Ahi, está. É um dos com que eu embirro mais.

(Vão sahindo).

CARLOTA

Vamos, senhor hereje.

GUILHERME

Vamos. Talvez Fr. Thomaz me converta...

CARLOTA

Aos seus livros.

GUILHERME

Elle tem livros ?

CARLOTA

Uma bibliotheca de onze mil volumes !

GUILHERME

Onze mil ? !

CARLOTA

Sim ; a que o padre Theodoro, chama, com muita graça, as onze mil virgens.

GUILHERME

Nunca os leu... tem graça... Intactos !...

(Riem e sahem).

MIGUEL *(ao fundo)*

Anda p'rá aqui. Agora não ha perigo. Terço, ladainha e pratica é para uma hora.

SCENA XI

COCOLIM

Com licença, sr. D. Miguel.
(Com duas guitarras).

MIGUEL

Deixa lá vêr a menina. Está bem acabada? Já a experimentaste?

COCOLIM

É um brinco.

MIGUEL

E, vozes?
(Experimenta).

COCOLIM

Isso é um orgão.
(Ouve-se a sineta da capella).

MIGUEL *(dedilha)*

Bellas vozes é verdade. Vamos lá a afinar pela tua *(reparando no toque da sineta, encolhe os hombros).* O lá.

COCOLIM *(dando o lá)*

Está alta.

MIGUEL

E, agora ?

(Afinando).

COCOLIM

Está bem.

MIGUEL

Vamos.

(Preludiando).

COCOLIM

Acompanhamento ?

MIGUEL

Sim.

(Toca o fado e canta).

Ter freira é coisa da moda,
É distincto e sabe bem :
Se é distincto e se bem sabe
Eu vou ter freira tambem.

BENEDICTO *(entrando)*

Sr. D. Miguel. A sr.ª Marqueza manda dizer a V. Ex.ª que se ouve lá dentro a guitarra e pedia-lhe para ir tocar mais para longe.

MIGUEL

Que graça ! Tambem, aqui, se ouve a sineta e eu não mandei lá dizer nada. Bem : vamos a tocar pianinho e se ouvir ainda, lá, vem cá dizer.

BENEDICTO

Sim, meu senhor.

(Sahe).

(Começam a tocar em surdina).

(Vai cahindo o panno).

ACTO TERCEIRO

A SCENA

O mesmo salão illuminado e o jardim. Lustres ; serpentinas accezas. Mezas de jogo. Uma meza de voltarete, outra de gamão. Varios grupos. Ao levantar do panno, todos attentos, ouvem o final de um duetto, cantado pelo «Polycarpo» e pelo «Tortinho». O duetto acaba : todos applaudem com bravos e palmas.

SCENA PRIMEIRA

VOZES

Bravo ! Bravo !

BENJAMIM

Que mimo !

LUCIA

Muito bem !

CLARA

Que trinados!

NARCIZO

Ter-lhe-hiam inveja os rouxinoes!

MIGUEL *(áparte)*

Na muda.

GUILHERME

O que me admira é como homens, n'aquella edade, teem ainda aquellas vozes.

MIGUEL

Não admira nada.

GUILHERME

Não?

MIGUEL

São preparados... para cantar.

GUILHERME

Como os... É gracejo.
(Rindo muito).

FR. THOMAZ *(descendo, da varanda com Theodoro)*

A noite está deliciosa.

THEODORO

Convida os poetas. A natureza é o livro aberto da munificencia de Deus! Que livro ha que se lhe compare?

MIGUEL

É essa a opinião de João Jacques Rosseau!

(Pasmo).

LUCIA *(aos dois)*

Ainda bem que vieram para a sala. Estavamos á espera de V. Ex.ª

FR. THOMAZ

Para quê?

LUCIA

Para ir-mos aos jogos.

CLARA

Antes aos enygmas ou ás adivinhações.

LUCIA

É melhor, é melhor. Benjamim? sr. Caldas? Clara?

THEODORO

Já está secco o nosso poeta?

LUCIA

Completamente.

BENJAMIM

Venham.

(Fazem roda ao bispo),

MARQUEZA *(ao Caldas)*

Não lhe lhe fez mal?

CALDAS

Não, minha senhora.

FR. THOMAZ

O que querem então ?

MARQUEZA

A sua bondade, D. Thomaz...

BENJAMIM

O que quizer.

FR. THOMAZ

Uma adivinhação ?

LUCIA

Como V. Ex.ª quizer.

(O voltarete interrompe-se ; o desembargador vem ouvir.

LUCIA

O sr. Fr. Thomaz vai dizer uma adivinhação.

VOZES

Silencio.

BERTHA

Que não seja muito difficil.

FR. THOMAZ

Não é.

BENJAMIM

V. Ex.ª diz sempre que não é... E, são indecifraveis, em geral...

CLARA

Vamos a vêr esta.

LUCIA

É de V. Ex.ª ?

FR. THOMAZ

Não ; não é minha ; mas é muito bem feita. É do Garção.

FR. THOMAZ *(grandes ares)* :

Teem-me respeito no paço,
Á meza dos grandes vcu,
Muito ás sciencias me dou
E o rei descança em meu braço.
Ao papa credito faço,
Meu nome a folhinha traz ;
Dou honra á egreja primaz ;
Ser quadrupede não nego,
Ás costas, gente carrego,
De quem sirvo, fico atraz.

(Pausa, todos pensam).

BENJAMIM

O rei descança em meu braço ?

FR. THOMAZ

Sim.

Teem-me respeito no paço,
A' meza dos grandes vou,
Muito ás sciencias me dou
E o rei descança em meu braço.

MARQUEZA

Dou honra á egreja primaz ?

FR. THOMAZ

Isso mesmo.

Ao papa credito faço,
Meu nome a folhinha traz ;
Dou honra á egreja primaz ;

MIGUEL

E é quadrupede ?

FR. THOMAZ

É.

FR. THOMAZ

Então ? *(pausa)* Não vai ?

BENJAMIM

Ah !

FR. THOMAZ

Emfim ?

BENJAMIM

Não é.

DESEMBARGADOR

Já sei. É uma mula.

BENJAMIM

Porquê ?

DESEMBARGADOR

É um quadrupede... leva bispos ás costas...

BENJAMIM

Ora; tambem podia ser um cavallo.

NARCIZO

Nem mula nem cavallo. Então os reis descançam nos braços das mullas?

LUCIA

Em que braço descançarão os reis?

BERTHA

Nos das rainhas, provavelmente.

DESEMBARGADOR

Mas rainha não pode ser.

BENJAMIM

Pudéra!

NARCIZO

Olha que tolice!

MIGUEL *(áparte)*

Não sabes, Guilherme?

GUILHERME

Nem pensei n'isso.

MIGUEL *(aparte)*

Eu advinhei. Quadrupede que faz honra á egreja... é elle.

(Gargalhada).

FR. THOMAZ

Então, não adivinham ?

BENJAMIM

Eu estou quasi.

LUCIA

Tambem eu.

FR. THOMAZ

Então, digam.

MIGUEL

Eu já adivinhei mas não digo.

BENJAMIM e LUCIA

Diz. Diz.

CALDAS

Diga.

DESEMBARGADOR

É que não é.

MIGUEL

Não é Guilherme ? Não é Carlota ?

(Elles riem).

CARLOTA

Não sei.

BENJAMIM

É que não é.

LUCIA

E que não é.

MIGUEL

É com certeza ; mas não digo.

CARLOTA

Não digas, Miguel.

MIGUEL

Não digo, deixa estar.

BENJAMIM *(áparte ao Theodoro)*

É alguma das d'elle.

THEODORO

Tambem me parece.

FR. THOMAZ

Então vou dizer.

MARQUEZA

É uma estante de côro ?

BENJAMIM

Não, minha senhora. É... uma cadeira.

VOZES

É verdade !

CALDAS

É um quadrupede ! Foi o que me intrigou...

DESEMBARGADOR

«O rei descança em meus braços». . É bem feita.

VOZES

Outra, outra !

FR. THOMAZ

Agora, o Reverendo Theodoro.

LUCIA

Tem razão.

CLARA

É justo.

BENJAMIM

Diga, sr. capellão.

THEODORO

Uma só, se não adivinharem.

BERTHA

Está dito.

CLARA

Seja.

THEODORO

Olhem que é muito difficil.

DESEMBARGADOR

Melhor.

BENJAMIM

Não faz mal; diga.

THEODORO *(melifluo)*:

Não sou rei, nem rei pareço...

(Declamando). Notem bem; que eu digo de vagar.

BENJAMIM

Todo ouvidos.

THEODORO *(affectado)*:

Não sou rei, nem pareço;
Mas tenho o nome de rei;
Posto que mentir não sei
Em conversando aborreço:
Incommódo quando cresço,
Aos que junto a mim pernoitam,
E ha viventes que se affoitam,
Quando nú chego a ficar,
A morderem-me o logar
Onde os rapazes se açoitam!

(Risos).

MARQUEZ

É muito engraçada.

MARQUEZA

E muito difficil.

DESEMBARGADOR *(dparte ao Pinto)*

V. Exª quando era rapaz, mordia alguma coisa... n'aquelle sitio ?

PINTO

Não me lembra.

DESEMBARGADOR

Nem eu ! Que ratice !
(Vai pensando).

BENJAMIM

Não é coisa nenhuma mythologica ?

THEODORO

Não é.

DESEMBARGADOR

E, tem o nome de rei ?

THEODORO

Tem.

GUILHERME *(aparte)*

Que adoraveis passatempos, Carlota.

CARLOTA

São pueris, não é verdade ? E, todavia, não sei porquê, hoje, supporto-os sem aborrecimento.

GUILHERME

Obrigado.

THEODORO

Então, senhores? Sr. Caldas?... o senhor que é o mestre do acrostico e do enygma?

CALDAS

Não a decifrei já, por causa d'um verso.

THEODORO

Qual?

CALDAS

«Mas tenho o nome de rei».

LUCIA

Ahi está o «busilis».

THEODORO

É indispensavel.

DESEMBARGADOR

Já sei.

BENJAMIM

Ora, sabe lá.

DESEMBARGADOR

Já sei.

LUCIA *(aparte)*

É como da outra.

THEODORO

Diga, sr. Desembargador.

DESEMBARGADOR

É um leão.

VOZES

E verdade, é.

BENJAMIM

Talvez não seja.

VOZES

É.

VOZES

Não é.

DESEMBARGADOR

«Não é rei nem rei parece mas tem o nome de rei»... é o rei da creação... é um leão!

VOZES

É verdade.

BENJAMIM

«Não sabe mentir e em conversando aborrece?...

DESEMBARGADOR

Pudéra: conversas com leões nunca foram muito agradaveis...

(Risos).

VOZES

Não pode ser.

CALDAS

«Incommódo quando cresço junto aos que de mim pernoitam».

DESEMBARGADOR

Quando pequenos não fazem mal; mas em sendo grandes...

VOZES

Ora, adeus...

BENJAMIM

E, o resto?

DESEMBARGADOR

Qual resto?

NARCIZO

O final?

CALDAS

«Ha viventes que se affoitam, a mordel-o no logar onde os rapazes se açoitam!?

DESEMBARGADOR

Ha, sim, senhor.

CALDAS

Ora essa?

DESEMBARGADOR

Ha, sim, senhor: as pulgas... os...

(Gargalhadas).

BENJAMIM

Hão-de ser viventes, humanos; não é verdade, sr. capellão?

THEODORO

Decerto.

DESEMBARGADOR

Esses .. não sei; isso é mais serio!

THEODORO

Tambem não matam esta?

GUILHERME

Olha, Miguel, esta ouvia-a sem querer. É facil. *(a Carlota)* Não é?

CARLOTA

É um pepino.

MIGUEL

Ê? Houve um rei chamado pepino?

GUILHERME

Houve; em França.

MIGUEL

Que pepineira que devia ser esse reinado!

THEODORO

Tenho que dizer, já vejo.

LUCIA

Ainda não.

CLARA

Mais um bocadinho.

(Pausa).

THEODORO

Dou-lhe uma... dou-lhe duas... ninguem adivinha? Dou-lhe... tres. É um pepino!

DESEMBARGADOR

Um pepino!

BENJAMIM

Eu estive para dizer.

NARCIZO

Tambem eu.

CALDAS

Eu não disse por causa do «tenho o nome de rei».

DESEMBARGADOR

Houve um pepino rei?

THEODORO

Em França.

DESEMBARGADOR *(aparte)*

Oh! senhores, nunca imaginei que uma hortaliça...

VOZES

Outra.

THEODORO

Não adivinharam. Uma... Foi a condição

VOZES

Tem razão.

MIGUEL

É a penitencia.

LUCIA

Em compenção vai cantar comnosco.

THEODORO

O quê ?

LUCIA

Uma modinha do sr. Caldas.

VOZES

É verdade.

THEODORO

Não estou estou em voz.

LUCIA e BERTHA

Ora, está.

BENJAMIM

Vamos.

NARCIZO

As violas.

(Põem duas sobre o cravo).

THEODORO

Não me recuzo. Mais logo.

LUCIA

Porque não, já ?

THEODORO

É a vez da poesia. Esquecem os bons costumes... ao lado das damas... que poetas !...

SÉCIAS

Tem toda a razão.

BENJAMIM

Que nos dêem um mote.

CALDAS

Á sr.ª marqueza pertence...

BENJAMIM

Sr.ª Marqueza, um mote.

NARCIZO

Um mote, sr.ª Marqueza.

MARQUEZA

Para me lembrar dos meus tempos?

THEODORO

Não pode recusar...

MARQUEZA

Na minha edade...

BENJAMIM

Compete-lhe abrir o certamen.

MARQUEZ

Vamos Marqueza.

MARQUEZA

Lá vai.

(Recolhendo-se por momentos).

«Saudade! dôce martyrio.»

(Os peraltas passeiam matutando).

THEODORO

Ha que tempo não ha um oiteiro!

MARQUEZA

É verdade.

MAAQUEZ

Desde o ultimo abbadessado de Odivellas.

MARQUEZA

Perdem-se os nossos mais bellos costumes.

THEODORO

Estes, sobretudo, combates admiraveis das musas d'onde sahiam preciosas perolas de engenho poetico, causa pena vêl-os morrer.

DESEMBARGADOR

Faltam poetas?

THEODORO

Não: temol-os do mais subido engenho..

MARQUEZ

Que é feito de Tolentino?

THEODORO

Anda a escrever o quinquagessimo memorial... ao Angeja.

MIGUEL *(a Benjamim que passa proximo)*

Então, vem de lá isso ?

BENJAMIM

Um momento.

CLARA *(a Lucia)*

Aposto que a gloza mais poetica é a do Benjamim.

BERTHA *(a Clara)*

Talvez; mas a mais subida em conceitos é a de Narcizo.

CLARA

E a mais sentimental ?

LUCIA

A de Lindoso !

CLARA

A de Benjamim.

BENJAMIM *(batendo as palmas)*

Sr.ª Marqueza...

LUCIA

Olha, vamos ouvir.

BENJAMIM *(declamando o mote)*

«Saudade! dôce martyrio»

(Recita):

A abelha vive das flôres,
O mar dos rios distantes,
De enganos vivem amantes,
Poetas vivem d'amôres!
Eu vivo d'aquelle engano
Em que Natercia me teve,
Prezo de intenso delirio:
Eu vivo do desengano,
Do seu desprezo tyranno,...
Saudade, dôce martyrio!

CLARA

Eu não disse? Que sentimento!

VOZES

Muito bem. Admiravel.

LUCIA

É um Bernardim Ribeiro.

BERTHA a BENJAMIM

Delicioso!

CLARA *(idem)*

Que impressão me fez!

BERTHA *(idem)*

Commovente!

THEODORO

O dom da poesia é, verdadeiramente, um dom divino!

GUILHERME *(áparte)*

Soffre, então muito, aquelle rapaz?

MIGUEL *(áparte)*

Muito: dos callos!

NARCIZO *(batendo as palmas)*

«Saudade! dôce martyrio»

CARLOTA

Resposta rapida. Bravo!

GUILHÊRME

Anima se o combate.

MIGUEL

Dos galos.

VOZES

Oiçam.

NARCIZO *(recitando):*

De uns olhos, que, um dia vi,
Cupido salta e contente
Despede a setta inclemente;
E, acerta? pudéra, aqui!
(Põe a mão no peito e olha Bertha).

Cambaleante, tremente,
Marillia, ao vêr-me, sorri:
Cura-me a ferida e por isto
Começou o meu delirio!
Depois, deixou-me?... está visto!...
Saudade! dôce martyrio!

(Risos).

VOZES

Bravo!

THEODORO

Ironico, hein?

BENJAMIM

Ironico e profundo!

MARQUEZA

Muito bem, sr. poeta, muito bem!

AS SECIAS

Parabens! Parabens!

(Á roda).

NARCIZO *(a marqueza)*

Oh! minha senhora. *(as secias).* Sempre amaveis!

LUCIA

Que graça.

CLARA

Satyrico...

BERTHA *(concluindo)*

E dôce ao mesmo tempo.

LUCIA

Ultile et dulci.

CARLOTA *(a Guilherme)*

Olha o Benjamim embuchado.

MIGUEL

Está ? vou-lhe dar um sôcco nas costas !

CARLOTA

Vê lá.

GUILHERME

Talvez o Lindoso o vingue.

CARLOTA

O Lindoso não faz versos.

GUILHERME

Ah ! não ? Não tem essa prenda ?

CARLOTA

Mas tem outras. Borda muito bem a missanga...

MIGUEL

E faz flôres de cera...

GUILHERME

E usa anquinhas ?

LUCIA

Então, sr. Caldas ?

CALDAS

Não glosei.

CLARA

Andava a versejar. Eu vi.

BERTHA

Isso andava.

CALDAS

Mas não era no mote da sr.ª Marqueza.

BENJAMIM

Fosse em que fosse.

NARCIZO

Em que era? Uma surpreza?

LUCIA

Ha-de dizer.

BENJAMIM

Sr.ª Marqueza, o sr. Caldas recuza-se a glosar o mote de V. Ex.ª

CALDAS

Minha senhora, tal irreverencia...

MARQUEZA

Bem sei, bem sei. Mas... poetava?

CALDAS

E certo.

LUCIA

Versos d'amôr ?

BENJAMIM

Ha uma Marcia bella ! oh !

LUCIA

Sr.ª Marqueza, venha em nosso auxilio.

MARQUEZA

Então, meu caro poeta... Obriga-me a pedir-lhe...

CALDAS

Oh ! minha senhora ! direi. É sobre a minha quéda...

BENJAMIM

O mergulho ?

VOZES

Oiçam.

(Fazem circulo).

CALDAS *(recita)* :

Desde que em liquido argenteo
Meu corpo foi mergulhado,
Mais uma vez do meu fado
Conheci negro desquite :
Diminuiu meu receio
Dos braços d'Amphitrite,

Minguou-me o chapeu peludo,
O calção, meio por meio,
E, minguando-me, assim, tudo
Só me cresceu... o appetite!

(Riem).

VOZES

Bravo!

MARQUEZA

Bravo; muito gracioso!

CARLOTA

Dôces para o poeta

MIGUEL

Uma garrafa de Madeira.

CALDAS

Não; de vidro.

MIGUEL

De vidro, com Madeira dentro.

CALDAS

Não; com vinho dentro.

CARLOTA

Está com veia, hoje.

MIGUEL

É que lhe não passou de todo, com o mergulho.

(Levam-n'o a meza dos dôces e servem-n'o. Miguel sahe pelo fundo, chamado pelo creado.)

SCENA II

LUCIA

E agora a modinha.

BENJAMIM

Não pode recuzar-se, senhor capellão.

THEODORO

E, não me recuso.

NARCIZO

As violas ?

CLARA

Estão, ali.

THEODORO

Quem acompanha ?

BENJAMIM

Todas. Lucia...

(Duas secias tomam e afinam as violas. Theodoro em pé, junto ao cravo. Roda).

SCENA III

THEODORO

Qual ? Qual ha-de ser ?

LUCIA

A que quizer.

THEODORO

Uma do Marcos Antonio ?

CLARA

É indifferente. Todas as que sabe são tão bonitas !

BERTHA

Qualquer.

THEODORO

«Você tracta amôr em brinco» ?

VOZES

Essa, essa.

THEODORO

Seja.

(Levantando a batina, a mostrar as meias bordadas, galante, canta).

OS OUVINTES

Bravo. Lindissima.

(Palmas).

MARQUEZA

Está cançado ?

THEODORO

Não. Minha senhora.

MARQUEZA

Um calice de Malaga ?

MARQUEZ

Um quarto de marmellada ?

THEODORO

Talvez...

MARQUEZ

Sei-lhe do fraco.

(Vão á meza dos dôces).

SCENA IV

(O Intendente entra e vai ao grupo da Marqueza, Pinto, Desembargador e Theodoro, e falla animadamente. Caldas, Peraltas e Sécias vão jogar a cabra-céga e depois as prendas, ao fundo).

GUILHERME *(a Carlota)*

Tu não cantas, modinhas ?

CARLOTA

Não. Espero cantar mais tarde.

GUILHERME

Quando ?

CARLOTA

Quando tomar ordens menores !

MIGUEL *(áparte. Entra rapido)*

Temol-a travada... e vai haver asneira grossa. Que burro !

GUILHERME e CARLOTA

Que tens ?

MIGUEL

O tio Diogo chegou, agora, hein ? Está lá em baixo uma ronda de quadrilheiros. Vem prender-te. Tenho lá dez do meu bando e mandei chamar mais. Quer dança ? ha-de dançar.

CARLOTA *(susto)*

E agora, Guilherme ?

MIGUEL

Não tenhas medo. Não vai prezo... tinha que vêr...

GUILHERME

Socega.

CARLOTA

Miguel...

MIGUEL

Eu vou começar por mandar partir os braços aos que lá estão... é o melhor...

GUILHERME

Anda cá. Isso seria tornar a comedia em drama. Não vale o caso tanto. Eu remedeio tudo.

MIGUEL

Como ?

CARLOTA

O que has de fazer ?

GUILHERME

Disse-te que confiasses em mim. Possúo o segredo da victoria...

CARLOTA

Não gracejes, agora. Não é occasião.

GUILHERME

Miguel, e tu, deixem-me um instantes... uns minutos...

MIGUEL

Está dito. *(a Carlota)*. Anda.

(Affastam-se).

(Vem descendo o ministro Pinto).

SCENA V

GUILHERME

Sr. Ministro. Tenho a pedir a V. Ex.ª o favôr de uma audiencia particular.

PINTO

Quando V. Ex.ª quizer... estou ás suas ordens. Sobre... ?

GUILHERME

Os negocios de França.

PINTO

Da parte ?

(Admirado).

GUILHERME

Do ministo.

PINTO

De Delessert ?

GUILHERME

De Souza Coutinho. Esta carta *(tira-a e dá-lh'a)* fará a V. Ex.ª a minha apresentação prévia.

PINTO *(recebendo)*

Ámanhã, a que horas aprouver a V. Ex.ª .. *(affasta-se)*. Uma carta confiidencial de Souza Coutinho!

Temos caso grave ?! Chegam-se afinal, ás minhas propostas esses senhores da França e da Inglaterra ! Esperava o ! *(abre a carta e lê com crescente pasmo).*

Ex.mo amigo e Sr. Ministro.

Vai junto a V. Ex.ª Guilherme de Menezes, encarregado de uma missão especial dos reis de França !» — Hein ? — «O mesmo senhor entregará a V. Ex.ª uma carta de Sua Magestade Christianissima El-Rei Luiz XVI para Sua Magestade Fidelissima de Portugal, a nossa boa rainha a Sr.ª D. Maria I. Da mais alta importancia, tal missão só podia confiar-se a alguem cujo valor, lealdade e dedicação á monarchia não soffresse a sombra de uma suspeita. V. Ex.ª terá occasião de reconhecer, pessoalmente, no delegado de Suas Magestades, as mais altas qualidades de caracter e de coração. Basta dizer-vos que elle fez parte d'esse grupo de fidalgos realistas que defenderam nas Tulherias e tentaram mais tarde soltar os reaes prezos, sendo rechaçados pela tropa ; e que luctando, heroicamente, ferido no braço direito, já sem forças, deveu a salvação á intervenção do conde d'Aureville ! Notado, aqui, como inimigo da Constituição, a sua liberdade periga a cada hora. Esta missão me deu azo a fazel-o sahir de Paris, de o salvar de uma prisão iminente, que o levaria ao patibulo ! Creio que um negocio de coração facilitou o assentimento

da ida a Portugal Supponho o noivo da filha dos primos Sandes, (a quem particularmente me recommendará) e informará de que esse bello rapaz é o typo do fidalgo portuguez na mais elevada acepção da palavra, capaz de pôr a espada e a vida ao serviço da Monarchia e da Fé! Estas são as informações que me parece conveniente dar a V. Ex.ª, particularmente, para seu uso, nas relações que hajam de haver entre ambos. Isto para que não vá enganar-se com a altivez das suas opiniões, a franqueza da sua palavra, filhas de uma grande bondade de coração e de uma rija tempera de caracter, d'esse que era o orgulho da nossa terra e que tão quebrado vai. Receba V. Ex.ª, com o testemunho»... etc.

De você...
Souza Coutinho.

E esta! Embaixador! E todos ás bulhas com elle! Eu mesmo... nunca o considerei, como devia. *(ao Marquez, áparte).* Temos feito bonitas coisas!

MARQUEZ

Sim? Em quê?

PINTO

Com respeito a seu sobrinho. *(Dando-lhe a carta).* Leia. Que linda ideia está fazendo de nós todos! *(a Guilherme).* Dá-me V. Ex.ª licença para lhe apresentar os meus respeitos, os mais sinceros?

MIGUEL *(áparte)*

Que quer isto dizer ?

CARLOTA *(áparte)*

Não percebo.

GUILHERME

Que respeitos, sr. Ministro ?

PINTO

Ignorava a alta missão...

GUILHERME

Esperava o dia de ámanhã, para procurar a V. Ex.ª, officialmente.

PINTO

Terei immensa honra.... e não se preoccupe com a hora... quando convier a V. Ex.ª...

GUILHERME

V. Ex.ª manda.

PINTO

Incondicionalmente, ao seu dispôr.
(Fallam).

MARQUEZA

Que intimidades são aquellas do Pinto com o jacobino ?

FR. THOMAZ

É curioso.

INTENDENTE *(ao Marquez, que não está em si do espanto da leitura)*

Meu caro Marquez?

MARQUEZ

Que é?

INTENDENTE

Venho pedir-lhe desculpa de uma coisa.

MARQUEZ

De quê?

INTENDENTE

O quadrilheiro está á morte... Tenho de prender seu sobrinho.

MARQUEZ

Você está doido?

INTENDENTE *(espantado)*

Hein?

MARQUEZ

Prender o embaixador.. Assôe-se a este guarda-napo. *(Dá-lhe a carta)* Tudo são jacobinos... ahi tem. *(Baixo, emquanto o Intendente lê).* Quando a Marqueza souber... vai ser bom! Quer dar-lhe a filha outra vez .. E se elle a não quizer? Lá me parecia... Ha caras que não enganam! Olha a do Intendente... fugiu-lhe um prezo! que brincadeira! *(Ao Intendente).* Então?

INTENDENTE

Esta... só pelo diabo!

(Acaba de lêr)

MARQUEZ

Você a dizer «que não lhe cheirava aquella cara!»

INTENDENTE

Enganou-me. É um finorio.

MARQUEZ

E, agora?

INTENDENTE

É pedir-lhe desculpa, e... cazal-o.

MARQUEZ

Á força?

INTENDENTE

Se fôr preciso.

MARQUEZ *(a Theedoro)*

Sr. Capellão, quer conhecer outra proeza do hereje?

THEODORO

Mais outra? «Quousque tandem?»...

MARQUEZ

Leia.

(Dá-lhe a carta).

INTENDENTE

Meu caro D. Guilherme, falle-nos de Paris. Com que então a jacobinagem quiz dar cabo do rei, da rainha, da familia real? Ignorava esse promenor.

GUILHERME

É certo, e esse dia foi um dia de agonias para a pobre familia. Insultada, escarnecida, com a morte deante dos olhos... a cada instante...

INTENDENTE

Corja!

GUILHERME

Obrigaram o rei e a rainha a pôr nas cabeças barretes frigios: resolvemos salval-os...

INTENDENTE

Já sei. E portou-se como um bravo! *(Pegando-lhe na mão)*. Deixe-me apertar-lhe a mão e dar-lhe um abraço.

(Dá).

MIGUEL *(áparte)*

Ó Carlota, tu sabes?...

CARLOTA *(idem)*

Não sei.

MIGUEL

Será domadór de feras?

GUILHERME

Sr. Intendente.

(Agradecendo).

FR. THOMAZ

O que é aquillo ?

MARQUEZA

O D. Diogo abraça o Guilherme ?

FR. THOMAZ

Eu estoiro !

THEODORO

Se V. Ex.ª dá licença, sr.ª Marqueza... Sr. D. Thomaz fazia-me a graça...

FR. THOMAZ

Com licença de V. Ex.ª O que é ?

(Levanta-se).

THEODORO *(áparte)*

Um caso de penitencia !

FR. THOMAZ

Hein ?

THEODORO

Aquelle rapaz, qne temos guerreiado como jacobino e heretico, é um monarchico ! um martyr ! um santo !

FR THOMAZ

V. Ex.ª está a sonhar!

THEODORO

Leia.

(Dá-lhe a carta e vai para Guilherme).

DESEMBARGADOR

As reuniões de V. Ex.ª, sr.ª Marqueza, lembram pela grandeza as de lord Beckford.

MARQUEZA

As do inglez...

DESEMBARGADOR

Que está fazendo um palacio encantado, em Monserrate.

MARQUEZA

Dizem que é, fabulosamente, rico!

DESEMBARGADOR

Um Créso. Imagine V. Ex.ª que, em casa d'elle, até as colheres de prata são de oiro!

FR. THOMAZ

Mas que interesse?... Emfim. «Poenitet me peccare». Sr. Desembargador.

DESEMBARGADOR

Sr. D. Thomaz.

FR. THOMAZ

Queira ter a bondade de lêr esta carta á sr.ª Marqueza.

MIGUEL *(aparte)*

Olha, Carlota, agora o fr. Thomaz. Sabes? Tem cabeça de vibora na algibeira!

(Fr. Thomaz vai para Guilherme).

MARQUEZA *(vendo)*

Tambem Fr. Thomaz! Que papel é esse?

DESEMBARGADOR

Pediu-me o sr. D. Thomaz que o lê-se a V. Ex.ª

MARQUEZA

É algum enygma?

DESEMBARGADOR

Talvez.

(Senta-se a lêr).

MARQUEZ

Ah! Ah! Sr. D. Thomaz venha a absolvição.

FR. THOMAZ

Com a melhor vontade. Quem se não enganaria? V. Ex.ª tem uma tal maneira de dizer as coisas!

GUILHERME

Um pouco rudemente?

FR. THOMAZ

Não digo, não digo; mas...

INTENDENTE

Á valentona.
(Fallam baixo rindo).

CALDAS a LUCIA *(no jógo, ao fundo)*

Mentes, tu.

LUCIA

Onde estavas, tu?

CALDAS

Estava em casa do «amôr perfeito».

LUCIA

Não póde ser.

CLARA

Já se disse.

TODOS

Prenda, prenda.
(Caldas dá).

MARQUEZA *(ao Desembargador, que pára e limpa os oculos)*

Valha-me Deus. Está a lêr, bem, o que lá está?

DESEMBARGADOR

Ó, minha senhora... pê á pá Santa Justa.

MARQUEZA

Continue.

DESEMBARGADOR *(lendo alto)*

«Supponho-o noivo da filha dos primos Sandes, a quem, particularmente, me recomendará e informará de que esse bello rapaz é o typo do fidalgo portuguez, na mais elevada accepção da palavra, capaz de pôr a espada e a vida ao serviço da Monarchia e da Fé! *(Carlota ri-se para Miguel)*. Estas são as informações que me parece conveniente dar a V. Ex.ª, particularmente, para seu uso, nas relações que haja de haver entre ambos. Isto para que não vá enganar-se, com a altivez das opiniões, a franqueza da sua palavra, filhas de uma grande bondade e de uma rija... tempêra... de caracter.

MARQUEZA

Rija... quê?

DESEMBARGADOR *(lê)*

Tempêra... de caracter...

MARQUEZA

Tempera. Adiante.

DESEMBARGADOR

Tempera, sim. *(Lê)*. Tempera de caracter... d'esse que era o orgulho da nossa terra e que tão quebrado vai. Receba V. Ex.ª o testemunho...

MARQUEZA

Et cœtera. Nossa Senhora, o que eu fiz! E, agora?

DESEMBARGADOR

Por causa do cazamento? Tudo tem remedio. V. Ex.ª não fez nada por si...

MARQUEZA

O quê?

DESEMBARGADOR

Digo eu que foram todos. V. Ex.ª foi arrastada.

MARQUEZA

Até certo ponto...

DESEMBARGADOR

Eu vou resolver tudo...

MARQUEZA

Não, não: meu caro Desembargador. Diga ao sr. Marquez, que necessito falar-lhe. Em segredo, sim?

DESEMBARGADOR

Sim, minha senhora.

Levanta-se e ao passar, Miguel pede-lhe a carta que elle lhe dá Guilherme e Carlota vão lêr, os dois).

MARQUEZA *(emquanto o Desembargador previne o Marquez, disfarça assoando se, etc.)*

Que precipitação! Que inconveniencia! *(Ao Marquez que chega).* Sabe o estado em que estou?

MARQUEZ

Não sei, minha senhora; mas calculo. *(Aparte)*. Agora me vou eu vingar.

MARQUEZA

Que sensaboria. É preciso fazer as pazes com esse rapaz; pedir-lhe desculpa... dizer-lhe...

MARQUEZ

Decerto. O peior é se elle agora embirra e já não quer a Carlota.

MARQUEZA

Isso não.

MARQUEZ

Não? Sei lá. Orgulhoso, como elle é. V. Ex.ª sabe lá o que é um girondino! Já se esqueceu?

MARQUEZA

O sr. Marquez quer affligir-me ainda mais?

MARQUEZ

Deus me livre; mas V. Ex.ª foi de um tal rigor, de uma crueldade tal, que é justo que lhe soffra as consequencias.

MARQUEZA

Não receio humilhar-me. Envergonha-me a ideia de que elle se tenha rido de mim.

MARQUEZ

Lá por isso console-se V. Ex.ª: elle deve ter rido e riu, muito, justamente, de nós todos. Por um pouco que o não prendem... já se viu uma coisa assim?

MARQUEZA

Isso foi o D. Diogo, por causa da estocada.

MARQUEZ

Qual estocada ? ! Isso era um pretexto.

MARQUEZA

Mas, sr. Marquez, é perigoso sahir d'esta situação.

MARQUEZ

Quem a impede ? Eu já sahi. V. Ex.ª bem sabe como. Chame-o e diga-lhe : quero esquecer-me de que te divertis-te á minha custa, esquece que fui uma velha rabujenta... Aqui tens Carlota.

(Rindo).

MARQUEZA

Ora ! Isso não digo.

MARQUEZ

Por outras palavras...

MARQUEZA

Não, não.

INTENDENTE *(rindo)*

Inda não leram a carta ?

MARQUEZA

Já.

INTENDENTE

Então porque esperam ? É preciso cazal-os.

MARQUEZA

Estava vendo a maneira...

MARQUEZ

De se desculpar...

INTENDENTE

Com o Guilherme ? É um bello rapaz... Alli não ha reservas. Quer ver ?

MARQUEZA

Sr. Intendente...

INTENDENTE

Ó Guilherme ?

MARQUEZ

Já o trata por tu.

GUILHERME

Sr. Intendente.

(Vem.)

INTENDENTE

A sr.ª Marqueza diz que... que... o que lá vai, lá vai... Onde está a Carlota? *(Vendo-a)*. Anda cá.

MARQUEZA

Guilherme, eu queria pedir-te...

GUILHERME *(sentando-se junto d'ella, interrompe)*

Minha querida tia, nem uma palavra de desculpa...

(Beija-lhe a mão, ficam conversando).

MIGUEL

Faz-te fina, agora. Diz que não queres... que já tens outro.

CARLOTA *(ri)*

Quem?

MIGUEL

O poeta Caldas.

INTENDENTE

Carlota, abraça o teu noivo.

MIGUEL

Abraça, que se não... vais presa.

THEODORO

É encantador o quadro. É preciso abençoal-os, sr. D. Thomaz.

FR. THOMAZ

Vamos.

(Vão a dirigir-se ao grupo. N'isto o poeta Caldas adeanta-se e chega, reverente, a Fr. Thomaz. Atraz, com ares de riso, peraltas, sécias).

CALDAS

Desculpe-me V. Ex.ª

FR. THOMAZ

Meu caro poeta É preciso um epithalamio.

CALDAS *(olhando)*

Da melhor vontade. Perdôe-me, porém, Vossa Reverendissima o fazer-lhe um pedido.

FR. THOMAZ

Pois não. Qual é ?

CALDAS

O de permittir que poise os meus labios na sua face !

(Risos entre todos).

FR. THOMAZ

O quê ?

(Rindo).

CALDAS

É uma condemnação.

FR. THOMAZ

O condemnado sou eu ! Mas que ideia...

CALDAS

É a sentença d'uma prenda, no jogo... Não me dispensam...

PERALTAS E SÉCIAS

Não senhor, não senhor...

FR. THOMAZ

Quem foi da ideia ?

LUCIA, CLARA e BERTHA *(rodeiando-o)*

Fomos todas.

LUCIA

Sr. D. Thomaz, consinta.

CLARA

Deixe, sim ?

FR. THOMAZ *(baboso)*

Para quê ?

LUCIA *(baixo)*

Para vêr a cara que elle faz.

FR. THOMAZ

A d'elle ?... A mocidade é cruel ! Seja.

(Offerece a face que Caldas beija, com o respeito mais comico possivel).

Seja em desconto dos meus peccados !

(Gargalhadas).

MARQUEZA *(a Fr. Thomaz)*

Que bondade a sua !

FR. THOMAZ *(a Guilherme e Carlota)*

Querem a minha benção ?

(Pega nas mãos dos dois, Guilherme e Carlota, aperta-as amigavelmente).

BENJAMIM *(a Miguel)*

Sempre se faz o casamento ?

MIGUEL

Tem de se fazer, por força.

NARCIZO

Por força ?

MIGUEL

É uma ordem da policia. *(olha o Intendente).*

INTENDENTE *(ouvindo)*

Anda lá, velhaco.

(Peraltas e sécias vão comprimentar, dando parabens e beijos).

BENJAMIM

Que faremos para festejar a boa nova ?

LUCIA

Quem está alegre, dança.

BENJAMIM

Um minuete.

VOZES

O minuete.

BENJAMIM *(a Guilherme)*

Em Paris não se dança o minuete ?

GUILHERME

Galantemente.

BENJAMIM

Vai ensinar-nos.

LUCIA *(a Carlota)*

Carlota não podes recuzar-te : um minuete de nupcias.

THEODORO *(ao cravo)*

Estou prompto. Quando qnizerem.

(Preludio).

(Fazem quadro. Guilherme e Carlota na frente rompem o minuete. Ao fundo postam se quatro creados com candelabros accezos).

(A meia voz, as fallas espaçadas).

THEODORO *(depois de dois passos)*

Muito bem.

BENJAMIM

Graciosissimo.

LUCIA

Distincto.

NARCIZO

É um discipulo de Dupré.

CLARA

Vê-se logo.

MARQUEZA

É distincto o rapaz, não é ?

FR. THOMAZ

Como poucos. Nunca vi homem mais galante.

THEODORO

Um Appollo !

FR. THOMAZ

E simpathico...

MARQUEZA *(a Fr. Thomaz)*

E iamos nós...

FR. THOMAZ

Que quer V. Ex.ª ? «Erare humanum est».

THEODORO

Deus faz sempre tudo pelo melhor.

(O minuete acaba, com applausos).

SCENA VI

FRANCISCO

Está a ceia na meza.

CALDAS

A ceia !

MARQUEZA

A resposta á sua decima, sr. Caldas.

MIGUEL *(com uma palmada nas costas)*

A ceia, sr. Caldas!

(Dão os braços; vão sahindo ruidosamente. O marquez vai no coice com Miguel. Ouve-se o sino ao longe. A mesma scena do 1.º acto. Benedicto apparece.)

SCENA VII

BENEDICTO

É nas Chagas.

MARQUEZ

Bem sei... *(Benedicto vai a dar-lhe a capa.)* Não. Benedicto... Agora não. *(á parte)*. É a primeira vez... ha vinte annos que não falto... Olha... não posso ir. *(vendo Miguel)*. Vais tu por mim?

MIGUEL *(hesitante, pegando na capa)*

Se o sr. Marquez deseja... irei.

MARQUEZ

Sim, vai tu... É para não se faltar... *(Sahe)*.

MIGUEL *(que vae a vestir a capa, aborrecido)*

Olha que estopada... a esta hora! *(Olhando Benedicto)* Espera... vai tu por mim... é melhor... vai tu. *(dá-lhe a capa)*.

BENEDICTO

Mas Nosso Senhor logo vê que não é V. Ex.ª. Eu sou preto.

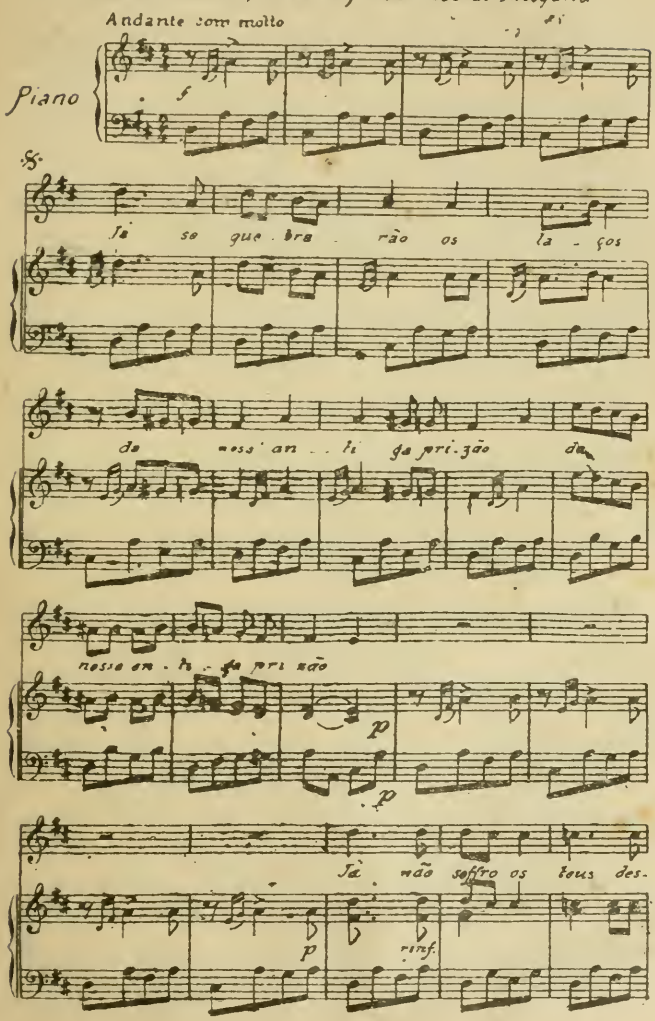
MIGUEL

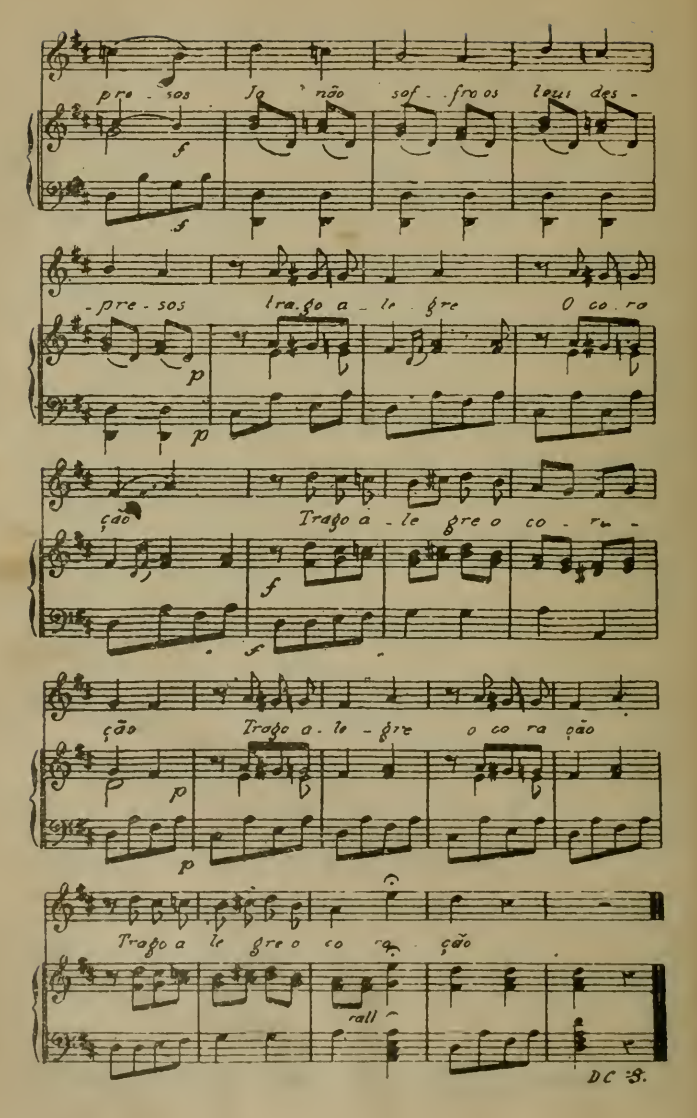
Sim; mas a noite está escura. Talvez elle nem dê por isso. Vai tu... vai lá.

(Sahem por lados oppostos).

PERALTAS E SECIAS

MODA DO LANDU (2° ACTO) - de José de Mesquita





pre - sos Jo não sof - fro os teus des -

- pre - sos tra.go a - le - gre O co.ro

ção Trago a - le gre o co - ra -

ção Trago a - le - gre o co ra ção

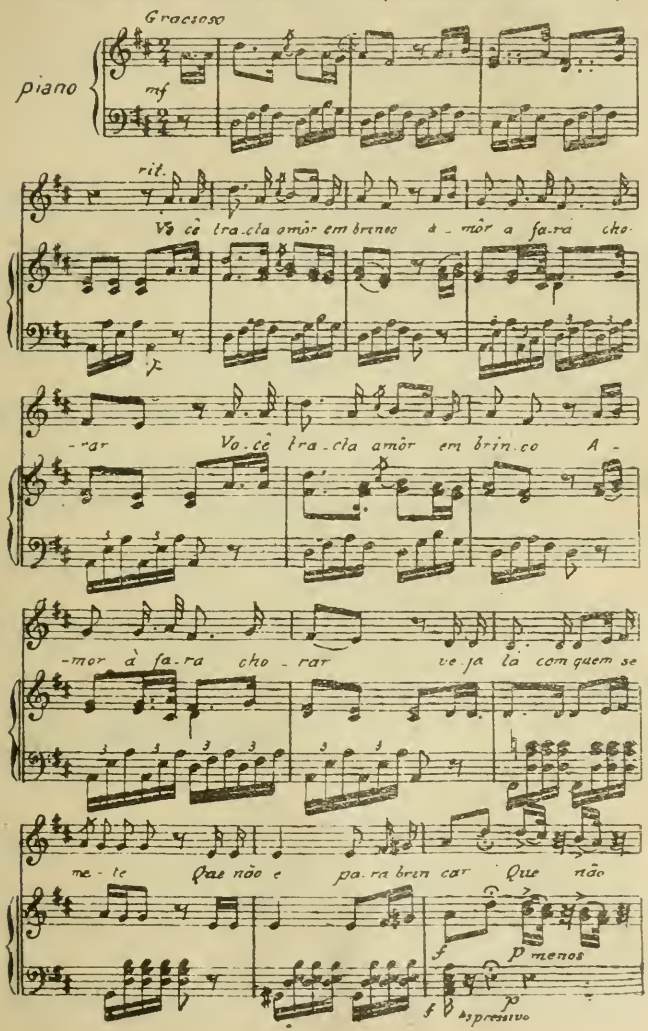
Trago a le gre o co ra - ção

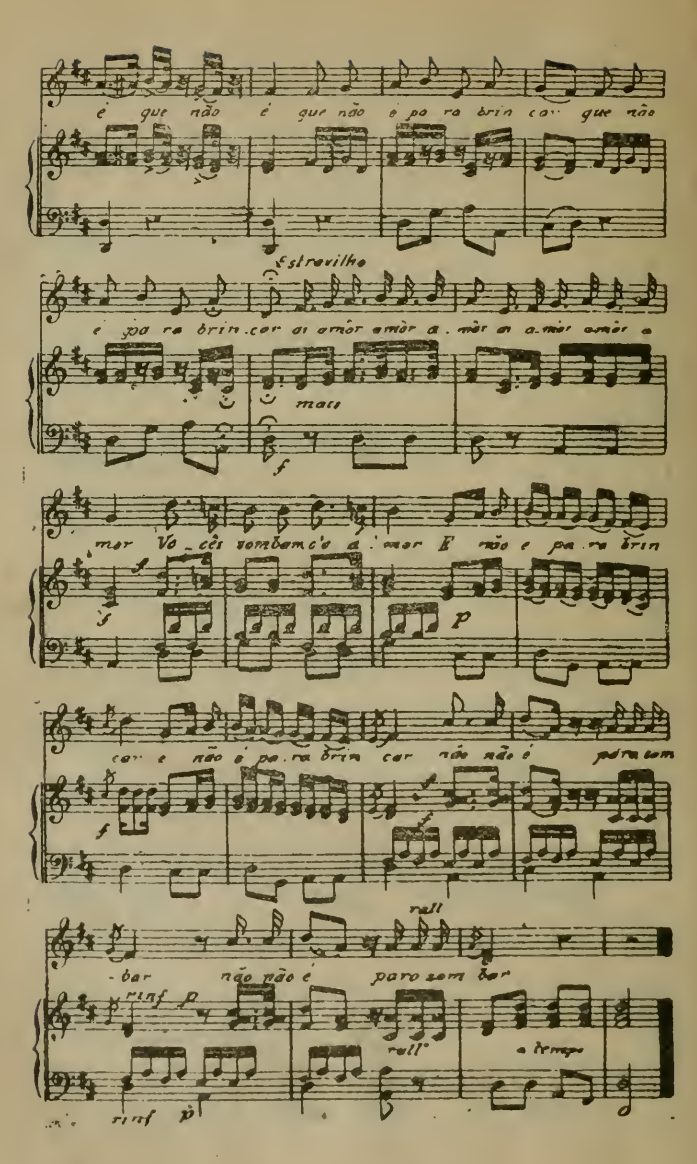
rall

DC 3.

PERALTAS E SECIAS

VOCÊ TRACTA O AMÔR EM BRINCO (3° ACTO) - Musica de Marcos Antonio Portuga.





é que não é que não é pa ra brin car que não

Estrevilho

é pa ra brin.car ai amôr amôr a . môr ai a.môr amôr a

mais

f

mor Vo_cês zombam c'o a . mor E não é pa.ra brin

f

p

car e não é pa.ra brin car não não é para zom

f

f

rall

-bar não não é para zom bar

rinf p

rall°

a tempo

rinf p

AOS
VINTE E CINCO DE MARÇO
DE MIL NOVECENTOS E ONZE
ACABOU-SE DE IMPRIMIR
ESTE LIVRO,
(SEGUNDA EDIÇÃO)
NA OFFICINA TYPOGRAPHICA
CALÇADA DO CABRA, 7
LISBOA